



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ARTHUR MARQUES BARBOSA

**A TERRITORIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA PERNAMBUCANA DE CONFECÇÕES
NO DISTRITO DE LAGOA DO JUCÁ, EM ALCANTIL-PB: O PAPEL DAS
FACÇÕES DE COSTURA NA PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL LOCAL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

ARTHUR MARQUES BARBOSA

**A TERRITORIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA PERNAMBUCANA DE CONFECÇÕES
NO DISTRITO DE LAGOA DO JUCÁ, EM ALCANTIL-PB: O PAPEL DAS
FACÇÕES DE COSTURA NA PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada a Coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.
Área de concentração: Geografia Econômica.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238t Barbosa, Arthur Marques.

A territorialização da indústria pernambucana de confecções no distrito de Lagoa do Jucá, em Alcantil-PB [manuscrito] : o papel das facções de costura na produção socioespacial local / Arthur Marques Barbosa. - 2022.

67 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Flexibilização do trabalho. 2. Facções de costura. 3. Territórios das confecções. 4. Geografia econômica. I. Título

21. ed. CDD 330.91


ARTHUR MARQUES BARBOSA

A TERRITORIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA PERNAMBUCANA DE CONFECÇÕES
NO DISTRITO DE LAGOA DO JUCÁ, EM ALCANTIL-PB: O PAPEL DAS FACÇÕES
DE COSTURA NA PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL LOCAL

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado a
Coordenação/Departamento do Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Geografia.
Área de concentração: Geografia
Econômica.

Aprovada em: 29/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Marta dos Santos Buriti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Nathália Rocha Morais
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus pais, irmãos e avós, pela
dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por abençoar diariamente nossos passos. Somente Ele remove montanhas.

Aos meus pais, Adeval e Mônica, que sempre estiveram presentes e que são a base para meus projetos de vida.

Aos meus irmãos, Ayrthon e Maria, pela parceria e colaboração nos momentos mais importantes de minha vida.

Aos meus avós paternos, Manoel e Josefa, e aos maternos, José e Maria, pelas orações diárias e apoio em todos os momentos.

Aos meus amigos e familiares pela paciência, compreensão e apoio.

Aqueles que contribuíram de forma direta e decisiva nos resultados deste trabalho, dentre eles, os empresários e funcionários das confecções e facções do distrito de Lagoa do Jucá.

Ao amigo Anderson Felipe, pelo incentivo e parceria durante e após o curso.

A Professora Maria Marta, pelo apoio, profissionalismo e atenção.

Aos Professores Antônio Albuquerque, Natália Rocha, Arthur Valverde, Hermes Almeida e Valéria Raquel pelo incentivo.

RESUMO

A indústria de confecção, assim como outros segmentos industriais, tem adotado nas últimas décadas estratégias que convergem para o modelo flexível de produção, característico da atual fase do desenvolvimento capitalista. É nesta direção que a redefinição espacial das cadeias produtivas é acionada para baratear custos de produção a partir da terceirização de etapas que passam a ser realizadas por facções, isto é, por empresas externas que subordinadas às confecções passam a realizar funções como corte, costura e acabamento das peças que antes eram produzidas exclusivamente pelas confecções. Com essa forma de atuação, o desempenho da indústria de confecção se torna ainda mais interessante do ponto de vista geográfico, pois mais do que nunca passa a articular o espaço como escala de circulação do capital e os territórios como instâncias onde o poder se potencializa e confere vantagens locacionais as empresas. Imerso a essa dinâmica, o distrito de Lagoa do Jucá se torna palco da territorialização das indústrias de confecções de Pernambuco, processo que passa a impactar a dinâmica socioespacial local. Diante disso, no presente trabalho buscou-se compreender os contextos da territorialização da indústria de confecções pernambucana no distrito de Lagoa do Jucá, em Alcântara-PB, e os seus desdobramentos na produção socioespacial local. Para atingir esse objetivo, a metodologia de pesquisa adotada pautou-se na abordagem quali-quantitativa e no método dialético. Para a coleta de informações realizamos pesquisas bibliográficas e de campo. Os resultados alcançados demonstram um papel relevante exercido pelas facções de costura no espaço pesquisado, tendo sido constatado uma relação direta entre estes empreendimentos e a dinamização dos demais setores econômicos locais, o que se desdobrou em mudanças qualitativas sociais e espaciais.

Palavras-chave: Flexibilização do trabalho. Facções de costura. Territórios das confecções.

ABSTRACT

The clothing industry, as well as other industrial segments, has adopted in recent decades strategies that converge to the flexible production model, characteristic of the current phase of capitalist development. It is in this direction that the spatial redefinition of production chains is triggered to reduce production costs from the outsourcing of steps that are now carried out by factions, that is, by external companies that are subordinated to clothing and start to perform functions such as cutting, sewing and finishing of pieces that were previously produced exclusively by clothing. With this form of action, the performance of the clothing industry becomes even more interesting from a geographical point of view, as more than ever it begins to articulate space as a scale of circulation of capital and territories as instances where power is potentiated and provide locational advantages to companies. Immersed in this dynamic, the district of Lagoa do Jucá becomes the stage for the territorialization of the clothing industries in Pernambuco, a process that starts to impact the local socio-spatial dynamics. Therefore, the present work sought to understand the contexts of the territorialization of the Pernambuco clothing industry in the district of Lagoa do Jucá, in Alcantil-PB, and its consequences in the local socio-spatial production. To achieve this objective, the research methodology adopted was based on the qualitative-quantitative approach and the dialectical method. For the collection of information, we carried out bibliographic and field research. The results achieved demonstrate a relevant role played by sewing factions in the researched space, having been found a direct relationship between these enterprises and the dynamization of other local economic sectors, which unfolded in social and spatial qualitative changes.

Keywords: Work flexibility. Sewing factions. Clothing territories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Ciclo de projeto das empresas que atuam com coleção de modelos	19
Figura 2 –	Quadro com características das empresas que atuam no mercado nacional e internacional	26
Figura 3 –	Gráfico com rendimento médio por categoria dos indivíduos do setor de confecções nos municípios de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.....	32
Figura 4 –	Mapa de localização do município de Alcantil	42
Figura 5 –	Mapa de localização do distrito Lagoa do Jucá – Alcantil – PB	43
Figura 6 –	Facções de costura no distrito Lagoa do Jucá	44
Figura 7 –	Quadro com nível de escolaridade dos entrevistados	45
Figura 8 -	Gráfico com tipos de produtos e quantidade produzidos por semana nas facções entrevistadas no distrito de Lagoa do Jucá – Alcantil - PB	49
Figura 9 –	Fotografia do distrito Lagoa do Jucá, ano de 1985	51
Figura 10 -	Fotografia do distrito Lagoa do Jucá, ano de de 2022	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das empresas de confecção formais e informais no polo do agreste de Pernambuco	24
Tabela 2 – Número de vínculos empregatícios na fabricação de artigos de vestuário	25
Tabela 3 - Quantidade de estabelecimentos formais da indústria têxtil e de confecções no Brasil, Nordeste e Pernambuco, no período de 2008-2014	31
Tabela 4 - Total de trabalhadores informais – Ensino Superior e Total entre 2015 – 2019.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIT	Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção
ABRAVEST	Associação Brasileira do Vestuário
APL	Arranjos Produtivos Locais
CNI	Confederação Nacional da Indústria
FIEG	Federação das Indústrias do Estado de Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RMR	Região Metropolitana do Recife
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SINDVEST	Sindicado das Indústrias do Vestuário do estado de Pernambuco
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	Território e territorialização na abordagem geográfica	14
2.2	A indústria de confecção no Brasil	17
2.2.1	<i>Indústrias de confecções no Nordeste</i>	22
2.2.2	<i>Indústria de confecções em Pernambuco: contribuições econômicas e socioespaciais</i>	27
2.2.3	<i>Indústria de confecção na Paraíba</i>	34
2.3	As facções de costura na territorialização das indústrias de confecções	37
3	METODOLOGIA	40
3.1	Caracterização do espaço da pesquisa	41
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
4.1	A territorialização da indústria pernambucana de Confecções na Paraíba: um olhar para Lagoa do Jucá	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EMPRESÁRIOS DAS CONFECÇÕES E FACÇÕES DO DISTRITO LAGOA DO JUCÁ	63
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FUNCIONÁRIOS DAS CONFECÇÕES E FACÇÕES DO DISTRITO LAGOA DO JUCÁ	65
	APÊNDICE C – ENTREVISTA APLICADA COM OS EMPRESÁRIOS DE COMÉRCIOS DE OUTROS SEGMENTOS DO DISTRITO LAGOA DO JUCÁ	67

1 INTRODUÇÃO

As indústrias de confecções têm se destacado no Brasil nas últimas décadas pelas dimensões alcançadas, pelo seu parque produtivo e pelo dinamismo econômico adquirido, mesmo em um cenário marcado pela desaceleração da produção industrial geral. De acordo com a Confederação Nacional das Indústrias, a história da indústria nacional deve muito ao setor têxtil e de confecção, cuja amplitude, densidade e complexidade remetem-se a força de uma estrutura socioeconômica consistente que se tornou estratégica para a sua internacionalização e para o surgimento de novos empreendimentos (CNI/ABIT, 2012).

Na região Nordeste, estes empreendimentos do setor de confecções se desenvolveram principalmente nos estados do Ceará e de Pernambuco, sendo neste último impulsionado pelo chamado triângulo têxtil que é composto pelos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Como resultado da descentralização espacial das cadeias produtivas, processo impulsionado pela lógica flexível presente no desenvolvimento capitalista a partir da década de 1970 e, sobretudo, de 1990, a indústria pernambucana de confecções tem terceirizado algumas etapas da produção e optado por firmar parcerias com facções instaladas em outros municípios, até mesmo de outros estados, a exemplo do município de Alcântil que se localiza no estado da Paraíba e onde precisamente no distrito de Lagoa do Jucá concentra-se boa parte destas facções¹ de costura. Com esse aspecto, a indústria pernambucana torna-se um fator importante na produção socioespacial local em Lagoa do Jucá através da territorialização das facções de costura e das dinâmicas econômicas e sociais por elas desencadeadas.

Levando em conta este cenário, a questão de pesquisa aqui levantada consistiu em desvendar de que maneira a territorialização da indústria pernambucana de confecções no distrito de Lagoa do Jucá através das facções de costura tem se desdobrado na produção socioespacial local? A territorialização das indústrias de confecções de Pernambuco no respectivo recorte espacial está ligada principalmente a busca do capital pela redução de custos de produção por meio do aproveitamento da estrutura de terceiros e da utilização de mão de obra mais barata.

¹ As facções de costura são pequenos e médios empreendimentos subcontratados por indústrias de confecções de maior porte para realizar serviços de montagem e acabamento de artigos de vestuário.

Com esta estratégia, as indústrias pernambucanas têm viabilizado em Lagoa do Jucá, através das facções de costura, o desenvolvimento de dinâmicas econômicas responsáveis pela geração de emprego e renda e, conseqüentemente, comparecido na escala local como um fator de impacto.

Desta forma, o objetivo geral que norteou a realização da pesquisa aqui apresentada consistiu em compreender os contextos da territorialização da indústria de confecções pernambucana no distrito de Lagoa do Jucá e os seus desdobramentos na produção socioespacial local. Em relação aos objetivos específicos, estes foram delimitados da seguinte forma: apresentar o processo de territorialização da indústria pernambucana de confecções na Paraíba, especificamente no distrito Lagoa do Jucá; identificar os fatores locacionais responsáveis por esta territorialização através da análise do papel exercido pelas facções de costura; discutir os aspectos positivos e negativos do processo de territorialização das indústrias de confecções pernambucanas em Lagoa do Jucá; e, refletir acerca dos desdobramentos socioespaciais locais decorrentes da territorialização da indústria de confecções pernambucana em Lagoa do Jucá.

O interesse pela pesquisa partiu das observações cotidianas acerca das mudanças socioespaciais ocorridas no espaço de pesquisa desde o surgimento das primeiras facções de costura. Considera-se que a pesquisa é relevante, pois através da discussão da territorialização da indústria pernambucana de confecções na Paraíba e da produção socioespacial do distrito de Lagoa do Jucá – Alcantil – PB acredita-se ser possível a criação de um debate geográfico, científico e político pertinente, na medida em que surge a possibilidade de aprofundar as reflexões acerca de um fenômeno que tem crescido no curso do desenvolvimento capitalista e articulado os territórios em uma trama relacional com efeitos significativos na ordem da dinâmica interna e regional.

Com relação à metodologia, optou-se por uma leitura dialética do fenômeno, esmiuçado através de pesquisa exploratória de cunho quali-quantitativo. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio da qual buscou-se referenciar os conceitos de território e territorialização, bem como analisar teoricamente a configuração da indústria de confecção no Brasil, no Nordeste e na Paraíba. Em seguida, por meio de pesquisa de campo, ocorreu a investigação *in loco* do objeto, tendo sido adotados como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com os proprietários das facções e trabalhadores do setor, assim

como também com empresários de outros segmentos (mercearias, material de construção e outros), em que buscamos compreender a importância das facções para a economia local e para a dinâmica socioespacial local em Lagoa do Jucá.

Com relação aos resultados alcançados, pode-se destacar que as facções são importantes para Lagoa do Jucá, uma vez que a instalação das mesmas, enquanto braços produtivos das indústrias de confecções pernambucanas, resultou em crescimento urbano, social e econômico. Apesar da condição informal em que muitas destas facções atuam e da remuneração baixa, é notório o seu papel na circulação econômica no distrito. Isso é evidenciado no comércio local que teve o fluxo de vendas ampliado com o dinheiro que passou a ser injetado. Desta forma, percebe-se o poder que as indústrias pernambucanas de confecções exercem em Lagoa do Jucá – Alcantil – PB, pois a população e o comércio dependem de seus investimentos nas facções de costura.

Por fim, quanto à organização do texto, além desta introdução, este trabalho apresenta itens de cunho teórico, metodológico e destinado a discussão dos resultados. Na fundamentação teórica discute-se os principais conceitos que dão sustentação a esta pesquisa, a exemplo dos conceitos de território e territorialização. Em seguida, o esforço empreendido foi em torno da construção de um entendimento sobre a configuração e dinâmica da indústria de confecções. No item destinado aos resultados, o objetivo foi apresentar e discutir as informações e reflexões coletadas e construídas no decorrer da pesquisa prática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Território e territorialização na abordagem geográfica

O território é um dos conceitos chaves da ciência geográfica e, assim como os demais (espaço, lugar, região e paisagem), teve sua discussão clarificada ou secundarizada de acordo com o arranjo teórico-conceitual privilegiado em cada momento da evolução do pensamento geográfico. De forma geral, quando se fala em território a noção conceitual predominante é aquela herdada da Geografia Política, que remete a este conceito um conteúdo espacial determinado pela prevalência de relações de poder. De acordo com Souza (1995, p. 78) “[...] território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder”.

Esta concepção ressaltada por Souza (1995) parte da definição clássica do território, definição essa que toma por base as relações de poder exercidas pelo Estado-nação em uma determinada área fortemente delimitada por fronteiras político-administrativas. Contudo, o modo como as formas de interação entre a sociedade e a natureza evoluiu e se desdobrou no espaço geográfico trouxe a necessidade de repensar o território, sobretudo diante da ampliação dos agentes de poder e das suas respectivas áreas de domínio.

Em um esforço para romper com a ideia de território como instância espacial determinada apenas pelo poderio do Estado-nação, Santos (1994) propõe a ideia do território como a fração do espaço apropriado e usado pelas relações de poder estabelecidas pelos diversos agentes que se multiplicam no contexto da globalização. Essa concepção posta por Santos (1994) se faz necessária para compreendermos o conceito de território não como algo restrito a relação de poder estabelecidas pelo Estado em sua área de domínio.

Além de Santos (1994), outros autores contribuem para o alargamento da noção de território para além da concepção clássica, entre estes Quaini (1974a e 1974b), que entende o território como produto social constituído de forma histórica, econômica, política e culturalmente. Esta perspectiva é importante para a ideia de que não somente o Estado exerce poder ou influência sobre uma determinada fração do espaço ao ponto de efetivar um território, mas também empresas, agentes privados, a exemplo das grandes corporações que percorrem o espaço a fim de

estabelecer territórios em lugares estratégicos a reprodução do capital na atual era da globalização da economia.

Convergindo também com essa linha de pensamento, Raffestin (1993, p. 7-8) destaca:

O território [...] não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um 'processo' do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável, mas que constituem invariáveis qualidade de categorias obrigatórias.

Desta forma, não se pode pensar território sem espaço, isto é, o território é uma área delimitada no espaço e se produz através das relações sociais estabelecidas a partir de uma relação de poder, ou de relações de poder. Neste sentido, para Raffestin (1993), as manifestações de poder no espaço são diversas, a exemplo das malhas, das redes e das centralidades, cuja configuração no espaço é dada pela forma como a relação de poder se efetiva.

Ainda no que se refere ao entendimento do território mediante as novas dimensões assumidas no contexto da renovação teórico-conceitual da concepção clássica, é pertinente levar em conta o papel do espaço, pois é no espaço onde as múltiplas relações de poder dos diferentes agentes se estabelecem e criam o território, sendo, portanto, o espaço a categoria maior que abrange todas as demais, incluindo o próprio território. À vista disso, Marcelo Lopes de Souza (2000) pontua:

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades voltar-se-á a isso mais adiante), podem, conforme já se indicara na introdução, formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter exigência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos- e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (SOUZA, 2000, p. 87).

Através do exposto, é notório que o território pode alterar-se, mas o substrato espacial permanece, ou seja, as relações de poder exercidas em um determinado espaço delimitado (o território) podem se modificar, recriar-se ou até mesmo dissolver-se, mas o espaço continua e assim fica nítido a importância do espaço e a relação do território com o mesmo, onde não se pode existir território sem espaço e sem as práticas de poder exercidas naquele substrato espacial.

Essa correlação com o espaço é importante para compreender o conceito de território e, sobretudo, como ocorre o processo de sua criação, isto é, quais os motivos e como acontece o processo de territorialização em uma determinada área. Considerar esse processo é muito importante, pois permite ao geógrafo entender nas entrelinhas a efetivação do território, isto é, a territorialização. Acerca da territorialização, Souza (2009, p. 60) assevera:

[...] é, sempre, e em primeiro lugar, um processo que envolve o exercício de relações de poder e a projeção dessas relações no espaço (espaço que, simultaneamente, também é, enquanto substrato material e “lugar”, uma referência e um condicionador das práticas de poder).

A territorialização na perspectiva acima apresentada é um processo que envolve o exercício das relações de poder e as suas projeções no espaço, ou seja, é um processo que ocorre em uma fração espacial a partir do poder estabelecido por determinado sujeito ou grupo naquele espaço.

Um fator que deve se levar em conta quando se trata de pensar a territorialização e a efetivação do território é a ação do tempo no espaço. A territorialização é praticada no espaço em um determinado período de tempo e através dela é que se torna possível a consolidação do território. Saquet (2009), afirma que o território é resultado de uma territorialização empreendida no sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo. Sendo assim, fica claro que as ações da sociedade no espaço em um determinado período de tempo são as bases para a criação efetiva do território, pois o tempo também incide sobre as formas de territorialização.

Com base nessa leitura, é pertinente citar como exemplo a territorialização das indústrias de confecções de Pernambuco no distrito de Lagoa do Jucá, recorte espacial desta pesquisa. A territorialização destas empresas, agentes econômicos de poder, se deu em um período histórico em que se tornou vantajoso para o capital a terceirização de etapas da produção, estratégia que converge com os objetivos da fase capitalista da acumulação flexível².

A territorialização pode ser multidimensional porque além da força de poder que a efetiva, apresenta várias contradições e desigualdades. Desta forma, uma

² A acumulação flexível é a atual fase do desenvolvimento capitalista instaurada com a crise do fordismo na década de 1970. Ela emerge dos anseios capitalistas pela dinamização das formas de acumulação, que encontraram respaldo na racionalização da produção e nas relações de trabalho que passaram a contar com formas difusas, fluídas e flexíveis (ALVES, 2007).

área apresenta um denominador de poder comum que caracteriza o território, mas também apresenta várias outras faces em razão das desigualdades sociais e econômicas. Existem vários órgãos governamentais e não-governamentais que colaboram na apropriação e produção do território, sendo assim, Raffestin (2003) propõe uma caracterização dos territórios de acordo com quatro níveis e situações distintas e complementares: a) território do cotidiano; b) das trocas; c) de referência e, d) do sagrado.

O território do cotidiano é aquele construído através das ações e práticas realizadas do dia a dia e que buscam satisfazer as necessidades dos sujeitos. Já o território das trocas pode ser entendido como aquele que também envolve o cotidiano, porém tem uma articulação regional, nacional e até internacional e pode ser caracterizado também pela ruptura temporal e espacial, como é o caso, por exemplo, daquele efetivado em Lagoa do Jucá, onde existe uma articulação regional com o Polo de Confeções pernambucano, ultrapassando as divisas territoriais político-administrativas dos estados de Pernambuco e da Paraíba. Já o território de referência, de acordo com Raffestin (2003), apresenta caráter predominantemente histórico e imaginário, sendo tanto material como imaterial (memória individual e/ou coletiva). Enquanto isso, o território sagrado está ligado a fé e a religiosidade, onde a igreja e as formas representativas do crédulo de cada povo exercem influência.

Desse modo, fica nítida a importância de compreender toda gênese da formação do território através do processo de sua efetivação, isto é, de territorialização. A partir da discussão apresentada, compreende-se que o Estado mantém-se como agente de poder e, conseqüentemente, territorial. Contudo, além do Estado outros agentes passam também a estabelecerem suas territorializações e a efetivarem seus territórios.

2.2 A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO BRASIL

A indústria de confecção é considerada a última na cadeia de produção têxtil, se caracterizando pela montagem e finalização das peças. Além da etapa destinada a confecção das peças, a cadeia produtiva têxtil é composta por várias outras etapas, a exemplo da produção de fibras (naturais, artificiais ou sintéticas), da fiação, da tecelagem e da malharia. No que se refere à etapa produtiva da confecção, Viana (2005, p. 22) afirma que esta:

[...] consiste basicamente no corte e transformação dos tecidos planos ou de malha em peças do vestuário, com a ajuda de máquinas de costura e a fixação através de aviamentos como linhas, botões, zíperes, dentre outros. O processo produtivo é caracterizado pela descontinuidade das etapas produtivas distribuídas como se seguem: criação, modelagem, encaixe dos moldes, risco, enfiesto, corte, costura, montagem e acabamento.

É uma parte do processo produtivo, portanto, que exige toda uma sequência organizada de atividades necessárias para produção da mercadoria. Com esse aspecto, a indústria de confecção se torna importante do ponto de vista econômico porque articula diferentes e diversos agentes e empresas, o que reflete também na empregabilidade gerada. Acerca das principais características estruturais desse segmento industrial, ainda de acordo com Viana (2005, p. 20):

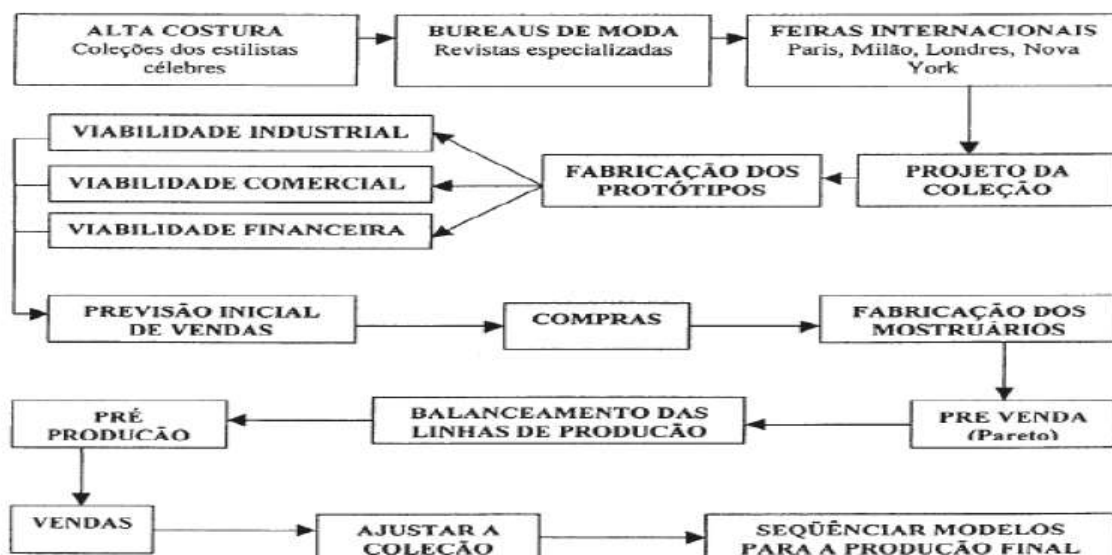
A enorme heterogeneidade das unidades produtivas, associada à existência de um grande número de empresas de tamanhos variados, pode ser considerada como a característica estrutural básica da indústria de confecções. As características tecnológicas dessa indústria e a forte segmentação do mercado são responsáveis por essa estrutura [...].

Desta forma, é possível compreender que a indústria de confecção possui grande diversidade, uma vez que dispõe de uma variedade de unidades produtivas, isto é, indústrias de vários tipos que atuam seja nas atividades básicas, seja nas atividades complementares. A Associação Brasileira da Indústria do Vestuário afirma que a indústria de confecção é dinâmica, possuindo 21 segmentos, entre os quais destacam-se: roupas íntimas; roupas de dormir; roupas de praia/banho; roupas de esportes; roupas de lazer; roupas sociais; roupas de gala; roupas infantis; roupas protetoras, entre outras (ABRAVEST, 2005).

A diversidade de produtos presente na indústria de confecção decorre, em grande parte, do dinamismo da indústria da moda que busca não só atender as demandas reais dos consumidores, como também é especialista em criar necessidades de consumo a partir da cultura do consumismo pautada na inovação e nas tendências. Nunes (2001) afirma que a chamada indústria da moda absorve algumas variáveis de acordo com determinados fatores como a influência da moda local, o recorte temporal em questão e as condições climáticas. Todavia, se mantém aquecida pela força de um mercado consumidor que gasta cada vez mais com vestuário. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Industrial Anual (PIA), em 2019 a receita líquida de vendas dos segmentos de confecções no Brasil alcançou a cifra de 32.486.484 milhões de reais.

Já no tocante as formas de operação das indústrias de confecção, Nunes (2001) coloca que as empresas do setor trabalham de duas formas principais: contra pedidos ou por coleção de modelos. Desse modo, as indústrias de confecções que seguem os seus serviços por coleção de modelos precisam seguir as tendências impostas pela moda vigente, na qual são apresentadas através de revistas especializadas, feiras internacionais, entre outros meios. A seguir é possível visualizar o ciclo de projeto, produção e vendas das empresas que trabalham por meio da coleção de modelos (figura 1).

Figura 1: Ciclo de projeto das empresas que atuam com a coleção de modelos.



Fonte: Nunes (2001).

Através do fluxograma acima, observa-se que existe toda uma sequência organizada até chegar ao momento das vendas, pois se faz necessário para atingir seus objetivos, ou seja, produzir peças que estejam dentro do conceito de moda estabelecido naquele momento e por meio disso atingir a maximização das vendas de seus produtos, pois estará atendendo aos anseios dos seus consumidores naquele dado momento. Para que a produção ocorra da melhor forma possível Nunes *et al.* (2006) destacam que as indústrias de confecções precisam ter capital de giro de 4,49 vezes o seu faturamento mensal para obter 28,46% de rentabilidade no final do processo. Ainda na perspectiva da rentabilidade da produção, Rocha *et al.* (2008) explicam que:

É comum deparar-se com uma excessiva preocupação com a improdutividade dos funcionários não atentando para o desperdício de matérias-primas como tecido, que incide cerca de 37,43%, e dos aviamentos, que incidem cerca de 10,48%, no custo de venda do produto enquanto o custo da mão-de-obra incide cerca de 16,86% (ROCHA *et al.* 2008).

Por meio da contribuição de Nunes *et al.* (2006) e Rocha *et al.* (2008) pode-se perceber que as indústrias de confecções precisam ter um capital de giro significativo para conseguir desenvolver suas atividades, pois existe um espaço de tempo desde a matéria-prima no estoque até a finalização do processo produtivo, desta forma, se faz necessário que haja recursos suficientes para garantir todo esse processo.

Do ponto de vista econômico, a indústria de confecções se destaca ainda no cenário nacional no que se refere à geração de emprego e renda. Alimentada por um mercado dinamizado pela demanda básica de vestir-se, como pelos apelos da sociedade de consumo que potencializam a chamada indústria da moda, mais especificamente aquela voltada ao segmento de vestuário. Nessa perspectiva, Viana (2005, p. 22) afirma que:

A indústria do vestuário é intensiva em mão-de-obra, tendo um dos mais baixos investimentos necessários à geração de um emprego dentre os diversos setores industriais. A fraca imobilização financeira, a tecnologia de domínio popular e a pouca qualificação requerida pela mão-de-obra, facilitam a proliferação de empresas nesse setor, caracterizando-o como um setor com barreiras de entrada frágeis.

Por meio do exposto, percebe-se que a indústria de confecções, através do segmento vestuário, é uma indústria que cresce bastante devido ao baixo custo de investimento, isso se deve, principalmente a mão de obra que não exige tanta qualificação, salários mais baratos, além das máquinas com um custo mais baixo para aquisição e incentivos fiscais. Seguindo nesse contexto, pode-se perceber que houve um grande crescimento na indústria têxtil e de confecção no Brasil, onde até 2011 o país estava na 8º posição no *ranking* mundial na produção têxtil e na 7º em produção de artigos confeccionados, entretanto, nesse espaço do tempo entre 2011 e 2017 houve um importante impulso no crescimento deste setor.

Assim como mencionado em momentos anteriores, a confecção de roupas e produtos de vestuário está inclusa na cadeia de produção têxtil, a qual emprega cerca de 1,5 milhões de trabalhadores e mantêm 27,5 mil empresas instaladas em todo o território nacional, de acordo com dados de 2017 da Associação Brasileira da

Indústria Têxtil e de Confeção (ABIT). Em números internacionais, o Brasil também segue em destaque na produção têxtil e de confecções, como apresenta a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG).

Dentre os países da América do Sul, o Brasil é o único com posição de destaque na produção têxtil mundial. O país representa 2,4% da produção mundial de têxteis, ocupando a 5ª posição no ranking mundial. Com relação a produtos do vestuário, ocupa o 4º lugar, com 2,6% da produção mundial (FIEG, 2019, p. 2).

Por meio da contribuição de Barbosa (2006) podemos refletir alguns dos principais obstáculos que levaram o Brasil a não conseguir superar a China no tocante a produção têxtil e de confecção. A China investiu de forma massiva na ampliação da sua capacidade produtiva e, além disso, possui inúmeros acordos comerciais com outros países, o que permitiu ampliar também suas exportações (BARBOSA, 2006). Como se não bastasse, ainda pesa a favor da indústria chinesa o investimento em tecnologia que aumentou sua capacidade produtiva, fato que faz com em vários segmentos da indústria de confecção chinesa lidere o mercado global.

Por outro lado, observando a situação do Brasil, existia toda uma volatilidade cambial, a qual trouxe alterações bruscas na taxa de crescimento e investimento que atrelados às políticas monetárias rígidas dificultaram um impulso ainda maior desse segmento. Entretanto, apesar de todos os problemas, o Brasil apresentou uma importante superação no crescimento deste setor e hoje é um dos mais importantes do país, pois emprega milhões de brasileiros e permite que muitos municípios do país cresçam e gerem emprego e renda aos seus moradores.

Nos dias atuais, apesar da pandemia da Covid-19 que impactou os segmentos industriais de diversas formas, a indústria de confecção segue em pleno funcionamento e com perspectiva de retomada de crescimento. De acordo com dados de 2020 disponibilizados pela ABIT, a produção de vestuário no país apresentou queda de 19,9% registrando uma produção de 4,76 bilhões de peças. Em montante a produção de vestuário deve registrar uma queda de 18,9%. Desta forma, percebe-se que assim como os demais segmentos industriais houve uma queda na produção e rendimento, entretanto, apesar das atuais dificuldades o segmento continua contribuindo para a produção industrial do Brasil e sendo

apontando como um dos setores estratégicos para a retomada do crescimento industrial.

2.2.1 Indústrias de confecções no Nordeste

A indústria de confecção no Nordeste, assim como no Brasil, é importante para geração de emprego e renda para os moradores das mais diversas áreas da região. No entanto, diferente da indústria de confecção do Sul do país, no Nordeste esta, caracteriza-se e diferencia-se pela marcante presença, em sua maioria, de micro e pequenas empresas. Neste sentido, Rocha *et al.* (2008) afirmam que no caso da região Nordeste, também deve ser ressaltado o caráter social da atividade, uma vez que está intrinsecamente ligada às raízes culturais da região Nordeste, sendo formada basicamente por micro e pequenas empresas.

Por meio da contribuição de Rocha *et al.* (2008) pode-se perceber que as indústrias de confecção e vestuário na região Nordeste seguem uma tendência regional, onde as mesmas, em sua maioria, são microempresas. Elas estão espalhadas por toda a região, porém se destacam os focos de concentração nos estados do Ceará e de Pernambuco, e em menor grau da Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte. Os dois maiores polos estão no Ceará, em Fortaleza, e em Pernambuco, na região metropolitana do Recife e na mesorregião do Agreste, sendo Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe os municípios que mais se destacam.

Ainda nessa perspectiva, Melo (2000), enfatiza que no Ceará está localizado o polo mais importante da região, tanto em termos quantitativos como em termos da diversificação da produção e do alcance de outros mercados. Localizado na região metropolitana da capital cearense este polo tem uma grande diversificação de produtos que atendem as demandas do consumidor no mercado nacional e internacional. Já com relação ao polo de confecções de Pernambuco, Viana (2005) destaca que:

O estado de Pernambuco é o segundo mais importante no Nordeste na produção de peças do vestuário. Os produtos desse polo, juntamente com os do polo cearense, saem do âmbito local/regional de maneira mais sistemática devido à competitividade em termos de preço e qualidade. Abriga empresas de vários tamanhos com linha de produtos bastante diversificada, entretanto a presença de grandes empresas é menor que no pólo cearense. A indústria do vestuário de Pernambuco concentra-se na Região Metropolitana do Recife e no Agreste, nas cidades de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe (VIANA, 2005, p. 26).

Neste sentido, fica claro que no ano de 2005 o polo de confecções de Pernambuco era considerado o segundo mais importante do Nordeste, perdendo somente para o polo cearense. Devido ao grande porte dos polos mencionados anteriormente, atrelado aos menores preços, diversidade e qualidade dos produtos, estes polos abrangem o âmbito local, regional e nacional de uma forma mais ampla, sistemática e organizada. A variedade dos produtos, qualidade, preços e tamanhos das empresas estão atrelados a alguns fatores, como apresentam Rocha e Nunes (2006):

O mercado consumidor é segmentado por faixa etária, sexo, idade, nível de renda, entre outros fatores. Essas características contribuem para a existência de um grande número de empresas de diferentes portes, que buscam conquistar espaços específicos para atender à diversificação de demanda (ROCHA; NUNES, 2006, p. 4).

A indústria de confecção e vestuário é um segmento muito importante, pois é uma necessidade humana, neste sentido, como afirmam Rocha e Nunes (2006), o mercado consumidor é muito amplo e segmentado por faixa etária, sexo, idade e principalmente nível de renda, fazendo-se necessário que haja uma grande diversidade de empresas do ramo para atender essas demandas e as respectivas peculiaridades de cada perfil de consumidor. Produtos mais baratos e simples, outros mais sofisticados e caros atrelados à moda ou não são necessários para suprir a necessidade de todas as classes sociais. Desta forma, devido a grande variedade do público a ser atendido é que faz com que existam muitas empresas de diferentes portes e com características diversas buscando atender os mais variados clientes.

Ainda com relação a grande diversidade do porte das empresas de confecção e vestuário do Nordeste, pode-se analisar também que a informalidade é uma característica marcante desse segmento industrial. Abaixo na tabela 1 do ano de 2003 apresentam-se alguns dados da distribuição de empresas formais e informais no estado de Pernambuco, onde através da realidade daquele estado, se pode ter um panorama da indústria de confecção na região.

Tabela 1: Distribuição das empresas de confecção formais e informais no pólo do agreste Pernambucano.

Municípios	Formais		Informais		Total	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Caruaru	380	16,0	2.000	84,4	2.380	100.0
Santa Cruz	88	4,2	2.000	95,8	2.088	100.0
Toritama	477	13,7	3.000	86,3	3.477	100.0
Total	945	11,9	7.000	88,1	7.945	100.0

Fonte: SINDVEST-PE e estimativas da FADE/SEBRAE-PE *apud* Universidade Federal de Pernambuco (2003).

Percebe-se, através dos dados apresentados na tabela 1, que no ano de 2003 o trabalho informal no setor de confecções já representava 88,1%, enquanto que o setor formal representava somente 11,9% do total no estado de Pernambuco, destacando-se Santa Cruz do Capibaribe, onde 95,8% dos trabalhadores exercem sua profissão de modo informal. Esse panorama pode ser pensando em outras áreas da região, pois o trabalho na confecção é marcado por uma mão de obra menos especializada, além de mais barata e na maioria dos casos ocorre uma espécie de terceirização, em que uma outra empresa é responsável pela costura das peças. Já com relação aos dados empregatícios, ou seja, o número de empregados no setor de vestuário por estado no Nordeste, a tabela 2 apresenta dados muito relevantes através da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS.

Tabela 2: Números de vínculos empregatícios na fabricação de artigos de vestuário.

ESTADO	VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS
Ceará	34.762
Pernambuco	12.032
Rio Grande do Norte	9.455
Bahia	7.606
Piauí	3.059
Paraíba	2.430
Sergipe	2.153
Maranhão	761
Alagoas	373
Região Nordeste	72.631

Fonte: Brasil (2005).

Por meio da análise da tabela 2 pode-se perceber que o estado com maior número de vínculos empregatícios é o estado do Ceará, seguido de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia. Contudo, no polo de Pernambuco, com destaque para Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, existe um número bem maior de empregados, mas isso não consta nos dados, pois como destaca Rocha *et al.* (2008) a metodologia da RAIS e do VTI abrange somente aspectos formais e neste polo, a grande maioria são vínculos informais, ou seja, empregos sem carteira assinada. Já com relação aos estados da Bahia, Piauí e Rio Grande do Norte eles têm uma participação na produção de confecção do Nordeste, porém é em escala mais local e em menor proporção.

Como apresentado no início desta seção existem empresas dos mais diversos portes exercendo funções neste segmento, desta forma, torna-se essencial ressaltar que algumas delas conseguem atingir o mercado nacional, enquanto outras somente o mercado local ou regional. Sendo assim, Rocha *et al.* (2008) ressaltam que as empresas nordestinas que conseguem vender seus produtos para os mercados nacional e internacional possuem práticas diferentes daquelas que alcançam somente os mercados local ou regional. Abaixo, na figura 2, segue as principais características que diferenciam as empresas que conseguem atingir o mercado nacional e o exterior.

Figura 2: Quadro com características das empresas que atuam no mercado nacional e internacional.

Utilizam em maior escala procedimentos para registrar reclamações recebidas, pesquisar informações sobre as necessidades dos clientes e estabelecer parcerias em programas de qualidade;
Possuem relacionamento mais intenso com os fornecedores;
Apresentam maior grau de utilização de modernas técnicas, métodos e programas de gestão da produção;
Seus recursos humanos possuem nível de escolaridade mais elevado em relação às empresas de atuação local e regional.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022), através de Rocha *et al.* (2008) *apud* Freire (2000).

Através das informações apresentadas no quadro da figura 2 podemos perceber que os principais fatores estão relacionados à busca por programas de qualidade atrelados a opinião dos clientes, ou seja, uma central de relacionamento com o consumidor buscando identificar onde necessita de melhorias. Ademais, o relacionamento mais intenso com os fornecedores, a atualização de técnicas para maximização da produção e o nível de escolaridade superior dos seus recursos humanos são fundamentais para que essas empresas atinjam o mercado nacional e até internacional.

Percebe-se então que o setor de confecções e vestuário na região Nordeste entra em destaque através de dois grandes polos de confecções. Contudo, a informalidade ainda é um fator muito presente na realidade dessa região, principalmente no polo de confecções do Agreste de Pernambuco. Além disso, é marcante o grande número de empresas, principalmente de pequeno porte, perpetuando-se assim traços históricos da reprodução das indústrias de confecção no Nordeste. Ademais, esse segmento é fundamental para o desenvolvimento de várias áreas dos estados do Ceará, Pernambuco, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte.

2.2.2 Indústria de confecções em Pernambuco: contribuições econômicas e socioespaciais

Historicamente a região Nordeste do Brasil teve uma importante relação com a produção de algodão, sendo este um dos principais produtos produzidos e exportados em território nordestino por meio do Porto do Recife-PE. Neste sentido, Diniz e Basques (2004), destacam que a indústria têxtil nordestina surge num panorama no qual o cultivo do algodão era voltado basicamente para a exportação, através do que se denomina modelo primário-exportador, ou seja, um modelo de exportação que tem como produto aqueles que fazem parte do setor primário, isto é, produtos como algodão, cana-de-açúcar, entre outros.

Com relação à indústria têxtil e de confecção em Pernambuco, percebe-se que a mesma tinha alguns fatores vantajosos se comparado com os estados vizinhos. Costa (2004) apud Andrade (2016) apresenta que em Pernambuco vários fatores contribuíram para o desenvolvimento da cadeia produtiva têxtil:

Dentre esses fatores, se destacam: a matéria-prima (algodão); o aumento da população e do consumo de tecidos ordinários; a consolidação do trabalho livre⁴; o envolvimento dos EUA na Guerra de Secessão⁵; a Revolução Industrial⁶; e, a infraestrutura montada, em função da cultura do açúcar, a qual favorecia a indústria têxtil, devido à utilização dos recursos existentes, como por exemplo, a rede ferroviária que permitia o transporte do algodão com fretes mais baratos. (COSTA, 2004 apud ANDRADE, 2016, p. 14).

Desse modo, é possível perceber que no estado de Pernambuco haviam alguns fatores que eram vantajosos com relação aos demais estados, principalmente pela infraestrutura existente com estradas de ferro que permitiam um melhor escoamento da mercadoria, além de menores custos com transporte. Além disso, o trabalho livre, mão de obra abundante e barata e a produção do algodão em grande escala permitiram a criação das primeiras fábricas têxteis do estado, de acordo com Santos (2006), em 1826.

Ainda com relação aos fatores que contribuíram para o maior desenvolvimento de indústrias têxteis em Pernambuco, podemos destacar também o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra da Secessão que teve importante papel no crescimento do comércio externo desse segmento. Neste sentido, Andrade (2016, p. 14), traz importantes contribuições:

Embora tivesse mercado, uma vez que Recife era o centro que abastecia e escoava a produção de Pernambuco para as províncias vizinhas, a crescente ascensão da indústria têxtil no estado, que englobasse desde a produção do fio até o produto final, só ocorreria a partir de 1860, principalmente por conta do início da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando o abastecimento norte-americano para a indústria inglesa foi interrompido, gerando uma grande procura pelo algodão que, por isso, alcançou preços elevados (ANDRADE, 2016, p. 14).

Por meio desta leitura, é notório que um dos grandes eventos que impulsionou a indústria têxtil com mais força no estado de Pernambuco foi o envolvimento dos EUA na Guerra da Secessão, episódio esse que gerou uma grande procura pelo algodão, além do mesmo alcançar preços muito elevados. Esse segmento industrial no estado de Pernambuco é marcado por altos e baixos, isto é, por momentos de muito crescimento e por outros de declínio muito forte. Andrade (2016, p. 15) aponta que “na primeira metade do século XX, a indústria têxtil pernambucana tirou grande proveito da Primeira Guerra e da Segunda Guerra Mundial”. Observa-se então que a indústria têxtil pernambucana apresenta um crescimento elevado em períodos de guerra, onde os outros países exportadores de tecido estão impossibilitados da comercialização devido aos conflitos bélicos.

Com o fim dos conflitos, a abertura para importação de tecidos e outros fatores locais, tais como, a inserção de impostos por parte de outros estados e a falta de modernização dos equipamentos fez com que as fábricas pernambucana enfraquecessem. De acordo com Araújo (2006, p. 102):

O início da década de 90 representou uma perda significativa para a indústria no estado devido, principalmente, a guerra fiscal com os estados vizinhos e com a abertura às importações de tecidos. A ausência de novos investimentos em equipamentos mais atualizados tecnologicamente durante o período de abertura praticamente anulou a indústria têxtil pernambucana.

Apesar dos investimentos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) possibilitar ações de apoio as empresas do segmento na região, ainda assim não foi suficiente para reerguer as indústrias pernambucanas, pois outros problemas também estavam atrelados, tais como a guerra fiscal com os estados vizinhos, no qual a Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia colocaram em prática várias formas de incentivos fiscais que atraíram inúmeras empresas. Esses problemas deixaram sequelas na indústria têxtil de Pernambuco. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013 apontou que os estados com maior relevância na indústria têxtil quanto a receita líquida de

vendas no Brasil eram o Ceará (4,30%), a Bahia (2,49%), a Paraíba (2,36%), o Rio Grande do Norte (2,32%), Sergipe (1,81%). O estado de Pernambuco aparecia com apenas 1,37%.

Observa-se então que diante dos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado de Pernambuco já não se encontra mais entre os primeiros em produção têxtil na região Nordeste, percebendo-se um declínio muito grande desse segmento neste estado, uma vez que, conforme destacado por Apolinário (2000) ao longo da década de 1960 a indústria têxtil pernambucana era considerada a segunda maior produtora do Brasil.

De acordo com estudos por Burnett (2014), em relação do destaque da indústria de confecções de Pernambuco, o autor aponta que esse segmento industrial tem suas origens na mesorregião do Agreste, mais especificamente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, por volta dos anos 1950 e 1960. Tudo começa com a costura de retalhos oriundos das fábricas do Recife e posteriormente de fábricas de São Paulo, onde através desses retalhos eram produzidos artigos populares, ou seja, artigos de roupa e cama que atendiam as classes mais populares. Esses artigos produzidos a partir dos retalhos ficaram conhecidos como sulanca. Já numa fase posterior houve alguns avanços, conforme Andrade (2016, p.17) *destaca a partir das ideias de Cabral (2007):*

Após uma primeira fase da atividade de produção da sulanca, marcada por um caráter predominantemente semi-artesanal e baseada no uso dos retalhos como matéria-prima principal, se estabeleceu, no final dos anos 1960, um primeiro impulso de modernização e de expansão produtiva e comercial. O elemento demarcador desse novo momento teria sido a incorporação de uma quantidade significativa de máquinas industriais de baixa rotação no processo produtivo, em substituição às máquinas manuais e elétricas domésticas, financiada pela agência do Banco do Brasil de Santa Cruz do Capibaribe (CABRAL (2007) apud ANDRADE (2016, p.17)).

É notório, portanto, que aos poucos houve uma evolução na forma de produzir os artigos denominados de sulanca, que na fase inicial era produzido de forma semi-artesanal e a partir do final dos anos 1960 passou a ser produzido com máquinas industriais de baixa rotação. Além disso, é importante frisar que essa modernização foi financiada principalmente pelo Banco do Brasil na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Através destes avanços também surgiram novos comércios, tais como, os primeiros atacadistas, lojas de tecidos e aviamentos, além das

mercadorias começarem a possuir uma melhor qualidade, atraindo assim outros perfis de consumidores.

Outra marcante característica do setor de confecções do estado de Pernambuco é apresentado por Araújo (2006, p. 102), quando diz que “no que se refere à indústria de confecções em Pernambuco, ela apresentou como característica fundamental a transferência de suas unidades fabris da RMR para o interior do estado”. Ou seja, a indústria de confecções pernambucana é marcada pela migração de muitas unidades fabris da Região Metropolitana do Recife para o interior, principalmente para a mesorregião do Agreste, especificamente as cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama.

O crescimento do setor na região estava cada vez mais evidente, tanto em modernização da produção quanto em qualidade e também no crescimento de outros serviços, tais como, *design*, consultorias em técnicas produtivas, em gestão e em *marketing*, eventos do segmento da moda. Sendo assim, era necessário que fossem tomadas medidas para continuar desenvolvendo a região, mas também que contribuíssem para melhorar a imagem da qualidade dos produtos, pois o termo *sulanca* ainda era muito presente e associado a produtos de baixa qualidade. À vista disso, Burnett (2014), afirma que:

A partir da década de 1990, devido ao seu grande sucesso, tem havido esforços de regulação, formalização e reestruturação das atividades ali estabelecidas pelas instituições oficiais que, a partir da década de 2000, passaram a denominá-la Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco. A criação do Polo, ao mesmo tempo, faz parte das estratégias de marketing dos *sulanqueiros*, dirigidos pelo SEBRAE, para tentar se livrar do estigma que carrega o termo *sulanca*, significando produto de baixa qualidade, de feira (BURNETT, 2014, p. 154).

A denominação do termo Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco vem numa perspectiva de desvincular os produtos lá fabricados aos que denominam de baixa qualidade, como aponta Brunett (2014). Porém, ao mesmo tempo é também uma ação de *marketing* muito importante para divulgar o Polo de Confecções de Pernambuco que tem muita relevância no cenário regional e nacional, principalmente com a construção dos empreendimentos Moda Center, em Santa Cruz do Capibaribe; Parque das Feiras, em Toritama; e, o Polo Comercial de Caruaru.

Com relação aos dados referente à indústria de confecções em Pernambuco, especialmente no Agreste, eles ainda são controversos, uma vez que os órgãos

oficiais divulgam dados e as associações e centros comerciais locais outros diferentes. Esse problema pode estar relacionado à informalidade das empresas e dos empregados, que historicamente é muito forte no estado. Nessa perspectiva, Raposo e Gomes (2003) apresentam que:

Nossas próprias estimativas, feitas com rigor estatístico e apresentadas no corpo do presente relatório, indicam a existência de 12 mil unidades produtivas, ou empresas, no Pólo. Essas empresas (das quais somente oito por cento são formais) (RAPOSO; GOMES, 2003, p. 9).

Em 2003, como apresenta Raposo e Gomes (2003), estimativas apontavam a existência de cerca de 12 mil unidades produtivas no Polo de Confecções do Agreste, porém somente 8% dessas empresas eram formais. Desse modo, percebe-se que a informalidade ainda é muito forte nas cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, dificultando assim informações mais concretas sobre a indústria têxtil e de confecções no estado, pois os órgãos oficiais fazem seus cálculos apenas através das empresas formais. Ainda sobre a informalidade, estudos mais recentes apontam que houve um aumento significativo no número de empresas formais entre os anos de 2008 a 2014, como apresentado na tabela 3.

Tabela 3 – Quantidade de estabelecimentos formais da Indústria Têxtil e de Confecções no Brasil, Nordeste e Pernambuco, no período de 2008-2014.

Região	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Brasil	60.653	62.641	66.098	69.540	70.234	71.048	70.565
Nordeste	8.139	8.492	9.280	9.948	10.201	10.500	10.633
Pernambuco	1.956	2.059	2.308	2.514	2.724	2.943	3.042
% PE em relação ao Brasil	3,22%	3,29%	3,49%	3,62%	3,88%	4,14%	4,31%
% PE em relação ao NE	24,03%	24,25%	24,87%	25,27%	26,70%	28,03%	28,61%

Fonte: ANDRADE (2016, p. 19) através de dados da RAIS.

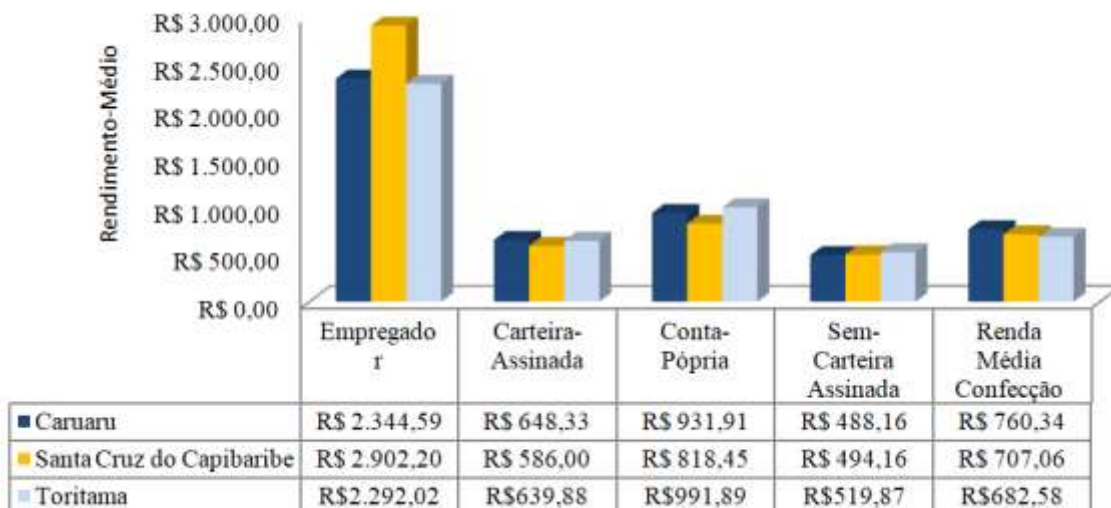
A tabela 3 apresenta dados referente ao avanço no número de estabelecimentos formais na indústria têxtil e de confecções em Pernambuco entre os anos 2008 e 2014. Observando os dados expostos é possível identificar que Pernambuco teve um crescimento considerável no número de estabelecimentos formais se comparado ao Brasil, onde no ano de 2008 Pernambuco possuía 1.956 estabelecimentos formais e no ano de 2014 passou para 3.042. É importante observar também que em termos de porcentagem Pernambuco no ano de 2014 cresceu no número de empresas de confecções formais 4,31% em relação ao Brasil e 28,61% em relação ao Nordeste.

Apesar do número de empresas formais do setor têxtil e de confecções em Pernambuco crescer, o número de pessoas que vivem na informalidade ainda é muito grande em todo país, onde “em 2019, a proporção de trabalhadores em ocupações informais alcançou 61,6% na Região Norte e 56,9% na região Nordeste” (IBGE, 2020, p. 36). Dessa forma, percebe-se que não somente em Pernambuco, mas em todos os estados da federação, existe um grande número de trabalhadores vivendo na informalidade e no Polo de Confecções de Pernambuco não é diferente. Neste sentido, Ferreira e Vasconcelos (2011, p. 5) apresentam que:

O Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano concentra grande volume de pequenos fabricos caseiros. Este setor é muito forte na economia da Região, garantindo o sustento de várias famílias. O empreendimento denominado como “Feira da Sulanca”, que contempla o chamado mercado de trabalho informal, absorve pessoas desempregadas, que começam sem nenhuma qualificação e em pouco tempo de prática já estão adaptadas às atividades desempenhadas - aprendem na maioria das vezes no dia-a-dia do trabalho.

Por meio do exposto por Ferreira e Vasconcelos (2011), podemos compreender que pelo fato de existirem muitos fabricos caseiros informais, não somente nas principais cidades do Polo de Confecções, mas também em cidades próximas, faz com que haja geração de oportunidades de emprego para aqueles estão desempregados e não possuem qualificação profissional. Acerca disso, o gráfico abaixo apresenta o rendimento médio por categoria dos Indivíduos do Setor de Confecções nos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

Figura 3: Gráfico com rendimento médio por categoria dos indivíduos do setor de confecções nos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.



Fonte: Moura *et al.* 2020 produzido a partir de dados do IBGE (censo 2010).

A partir dos dados apresentados no gráfico da figura 3 é notório que os indivíduos com melhor rendimento nas categorias conta-própria e sem-carteira assinada são do município de Toritama, enquanto isso, o melhor rendimento dos indivíduos com carteira assinada são aqueles do município de Caruaru e os empregadores com melhor rendimento os de Santa Cruz do Capibaribe. É evidente também que aqueles que trabalham por conta-própria têm um rendimento mais alto do que aqueles que possuem carteira-assinada e os trabalhadores que não possuem carteira assinada são os que menos recebem, uma diferença pouca, mas que pesa no que se refere ao acesso aos direitos trabalhistas, tais como férias e 13º salário.

Ainda com relação ao Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco é importante mencionar que o mesmo é composto por cerca de 40 municípios (SEBRAE, 2013), mas os de maior destaque são mesmo Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Araújo (2019) com base em dados disponibilizados pelo SEBRAE pontua que:

Nestes três municípios (Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe), segundo o SEBRAE (2012) estar concentrado a maior quantidade de força de trabalho ligada a indústria têxtil de confecções, com 81.686 (76,3% do total existente no Polo), sendo que, o município de Santa Cruz do Capibaribe deteve a maior parcela de unidades produtiva do Polo, com 7.169 (38,1%), seguida de Caruaru com 4.530 (24,1%) e Toritama com 2.818 (15%). Estas de Caruaru com 4.530 (24,1%) e Toritama com 2.818 (15%); (ARAÚJO, 2019, p. 43).

Dessa forma é notório que apesar de ser composto por cerca de 40 municípios, 76,3% dos postos de emprego estão concentrados nas cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama, sendo elas as mais importantes da região.

Destarte, é nítido que o Polo de Confecções de Pernambuco, com destaque ao Polo do Agreste, é muito importante para a geração de emprego, renda e desenvolvimento para o estado, apesar da informalidade ser muito forte. Além disso, sua produção chega a todo o Brasil e também em alguns países da América Latina, tais como, o Paraguai. Ademais, o município de Santa Cruz do Capibaribe é o maior destaque, pois lá está situado o Moda Center Santa Cruz que é considerado o maior centro atacadista da América Latina.

2.2.3 Indústria de confecção na Paraíba

Assim como outros estados nordestinos, a Paraíba possui na sua história uma relação muito importante com a produção do algodão. Contudo, não somente a produção do algodão foi capaz de permitir um grande crescimento da indústria têxtil e de confecção no estado. Desta forma, outra importante característica do estado foi com relação aos incentivos fiscais. Neste sentido, Cavalcanti Filho e Moutinho (2007), afirmam que:

Caracterizado por disputas políticas acirradas, o estado da Paraíba tem vivenciado um duplo processo de “guerra fiscal”, em escala regional e, idiossincraticamente, em escala estadual, com os mesmos resultados práticos: ganhos particulares e perdas coletivas (CAVALCANTI FILHO; MOUTINHO, 2007, p. 479-480).

Ainda nessa perspectiva, Cavalcanti Filho e Moutinho (2007) complementam:

Em um plano regional, o Estado foi pioneiro no estabelecimento de uma agressiva política de incentivos, de naturezas material, fiscal e financeira com o intuito de atrair empreendimentos industriais de outros Estados da região Nordeste e de outras regiões do País. Seu pioneirismo no estabelecimento dessa chamada “guerra fiscal” possibilitou vantagens, pela ausência de grande número de Estados competindo pelos investimentos (CAVALCANTI FILHO; MOUTINHO, 2007, p. 480).

Observa-se, assim, que uma das características do estado da Paraíba são as disputas fiscais com outros estados da região, isto é, redução de impostos e benefícios para que empresas possam se instalar em seu território. O estado foi pioneiro no estabelecimento dessas políticas de incentivos fiscais, fato que possibilitou vantagens com relação a outros estados, pois eram poucos os estados que asseguravam até então esses incentivos.

Entretanto, essa característica do estado da Paraíba nem sempre foi positiva para o desenvolvimento local, pois eram ações totalmente políticas, as quais dependiam do governo vigente para existir ou não. Assim, em governos que não permitiam essa flexibilização havia uma queda na produção e/ou número de empresas. Porém, por meio de uma análise ampla percebe-se que essas políticas de incentivo trouxeram importantes empresas para o estado e um maior desenvolvimento desse segmento.

Ainda com relação à política de incentivos do estado, elas atraíram alguns investimentos importantes para as cidades de Campina Grande e João Pessoa,

investimentos esses voltados para área da produção de calçados e na área têxtil. Cavalcanti Filho e Moutinho (2007, p. 480) destacam que:

Nesse sentido, se nos anos 1980 o Município de Campina Grande beneficiou-se dos incentivos estaduais/federais para atração e implantação de uma grande unidade produtora de calçados (Alpargatas), e no início da década de 1990 atraiu o maior grupo têxtil do Brasil (Embratex-Coteminas), no final desta mesma década a capital do Estado (João Pessoa) e seus municípios mais próximos (Bayeux, Santa Rita e Cabedelo) foram favorecidos com a instalação de unidades industriais produtoras de calçados (Penaltye Samello) incentivadas pelo Fundo de Apoio à Industrialização da Paraíba – FAIN.

É notório, portanto, que através das políticas de incentivos fiscais adotadas pelo Governo da Paraíba foi importante para chegada de grandes empresas, como a Alpargatas e Coteminas, em Campina Grande e a Penaltye Samello em João Pessoa. De acordo com a Federação das Indústrias do estado da Paraíba (FIEPB) em 2010 a Alpargatas empregava 5.600 funcionários e produzia 650 mil pares de havaianas por dia. Além da Alpargatas outra empresa muito importante é a Embratex-Coteminas que fabrica produtos do segmento têxtil.

Para além de Campina Grande e João Pessoa, observando um contexto mais amplo da indústria têxtil e de confecções no estado, podemos destacar alguns Arranjos Produtivos Locais – APL, situados nos municípios de Guarabira, Alcantil, João Pessoa e Campina Grande (FILHO; MOUTINHO, 2007). De acordo com o Ministério da Economia (2017) Arranjos Produtivos Locais podem ser definidos como:

São aglomerações de empresas e empreendimentos, localizados em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva, algum tipo de governança e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

Assim, podemos entender que os Arranjos Produtivos Locais (APL) são aglomerados de empresas e empreendimentos localizados em um mesmo território. Neste sentido, se destaca os municípios já mencionados anteriormente, por possuírem um número significativo de micro e pequenas empresas sobretudo do segmento de confecções. Entre estes, destacamos o município de Alcantil que se beneficiou de sua localização geográfica estratégica, isto é, próxima a Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru em Pernambuco.

É importante destacar que os municípios paraibanos localizados próximos ao Polo de Confecções do Agreste tem se especializado na confecção de produtos de vestuário. Neste sentido, Fusco *et al.* (2021) apresenta que existe um aglomerado ampliado em atividades de produção e comercialização de vestuário e acessórios, que é dividido em Caruaru e outros dois grupos de municípios, sendo um destes grupos compostos por alguns municípios paraibanos.

O grupo 2, por sua vez, reúne mais 15 municípios, não só de Pernambuco, mas também da Paraíba, podendo sua inclusão ser caracterizada como resultante do processo de ampliação mais recente das atividades do aglomerado. São eles: Agrestina, Belo Jardim, Cupira, Frei Miguelinho, Jataúba, Santa Maria do Cambucá, São Caitano e Surubim (grupo de Pernambuco) e Alcantil, Barra de São Miguel, Cabaceiras, Caraúbas, Coxixola, Riacho de Santo Antônio e São Domingos do Cariri (grupo da Paraíba), com a participação da população ocupada em atividades de produção e comercialização de vestuário e acessórios sempre acima de 5,4% (Cabaceiras) em 2010. (FUSCO *et al.*, 2021, p. 13).

É explícito, portanto, que os municípios paraibanos de Alcantil, Barra de São Miguel, Cabaceiras, Caraúbas, Coxixola, Riacho de Santo Antônio e São Domingos do Cariri têm uma importante influência, principalmente os mais próximos geograficamente do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco, na geração de emprego e renda, pois eles fazem parte do aglomerado ampliado de atividades de produção de vestuário, produção essa comercializada nos grandes centros atacadistas e feiras de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Ainda com relação a essa produção presente em municípios do grupo 1 e 2, Fusco *et al.* (2021) destaca:

As atividades produtivas e comerciais de grande porte concentraram-se nas cidades de Caruaru, Santa Cruz e Toritama, com os demais municípios do entorno e integrantes do aglomerado ampliado tendo um papel de tipo mais subordinado e complementar. Neles se situam basicamente facções urbanas e rurais, destinadas a atenderem às demandas dos “fabricos” e, sobretudo, das fábricas da região (FUSCO *et al.*, 2021, p. 13).

Os municípios pertencentes ao aglomerado ampliado, entre eles, os municípios paraibanos, têm um papel complementar na produção de confecção de vestuário, isso é, um papel subordinado as grandes empresas que se localizam nas principais cidades do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco. Em alguns municípios paraibanos que pertencem ao aglomerado ampliado já existem algumas fábricas ou “fabricos” com marcas próprias, porém, em sua grande maioria são

constituídas basicamente de facções que funcionam exclusivamente em razão do que demanda as indústrias pernambucanas de confecções.

No contexto estadual, observando a dinâmica da Paraíba, e por meio de contribuições de Filho e Moutinho (2007) e Fusco *et. al.* (2001), pode-se perceber que a indústria têxtil e de confecções é muito importante para o estado e que existe em várias regiões do mesmo. Em termos de dados, a Federação das Indústrias do estado da Paraíba (FIEP) apresenta que:

O segmento Têxtil e do Vestuário tem grande impacto na economia da Paraíba, sendo um importante gerador de emprego e de renda, com cerca de 10.270 empregos diretos e 470 empresas espalhadas pelo estado. Um exemplo é a Coteminas, maior potência do setor que mantém duas unidades, uma em Campina Grande e outra em João Pessoa, com a produção voltada para confecção de acessórios para cama, mesa e banho (FIEP, através de dados da ABIT, BNB, IBGE, 2020).

Observa-se que esse segmento tem grande impacto na economia do estado da Paraíba gerando emprego e renda para os paraibanos. Dados apresentam que esse segmento gera cerca de 10.270 empregos diretos, porém é importante frisarmos que esse número é superior, pois existem muitos empregos informais, principalmente nas cidades próximas ao Polo de Confecções do Agreste onde o trabalho é na maioria dos casos precário e dentro da informalidade. Ademais, muitas famílias trabalham em suas próprias residências costurando para empresários de outros municípios do vizinho estado de Pernambuco.

2.3 As facções de costura na territorialização das indústrias de confecções

Ao longo do tempo as formas de produzir e de organizar a produção foram mudando no mundo, processo que faz parte do curso evolutivo do desenvolvimento do capitalismo. Neste movimento, na década de 1970 o fordismo foi sendo gradativamente substituído por um novo modelo de produção, a chamada acumulação flexível (HARVEY, 2005), também chamada de toyotismo (ALVES, 2007). O toyotismo surge, a princípio, na indústria japonesa e se espalha desde então por outros países capitalistas buscando maximizar os lucros e ampliar a produção a partir de um modelo fluído, flexível e difuso que passa a racionalizar não só a produção, como o trabalho também.

Analisando a obra de Giovani Alves (2007), é possível compreender que a fluidez no modelo toyotista pode ser entendida como a produção circular em escala internacional, não acumulando produtos como no fordismo, haja vista que ao invés dos grandes estoques ganha destaque a lógica *just time*, isto é, a produção de acordo com a demanda. Quanto à flexibilidade, esta tem a ver com o fato da produção ocorrer sem o reconhecimento de barreiras para a circulação das mercadorias. Por último, a difusão é referente à prática de terceirizar serviços durante o processo produtivo buscando maximizar seus lucros e reduzir gastos com direitos trabalhistas.

É na perspectiva destas características do toyotismo que ganham destaque as facções de costura como uma importante estratégia da cadeia produtiva da indústria de confecções. Neste contexto, Matos (2008, p. 12) ressalta que “[...] encontramos espacialmente na indústria do vestuário a prática de transferir para terceiros a produção parcial ou mesmo total do seu produto final [...] no caso as que subcontratam pequenas unidades produtivas chamadas de facções”.

A partir da contribuição de Matos (2008) podemos entender que as facções são pequenas ou médias unidades produtivas que são subcontratadas por empresas de confecções de maior porte para produzir determinado produto ou parte dele, ou seja, uma confecção de maior porte contrata uma pequena unidade produtiva para realizar serviços para sua produção, por exemplo, costurar determinada parte da camisa. Porém na maioria dos casos não existe nenhum vínculo formal entre ambas.

Seguindo características do toyotismo, principalmente com relação à produção difusa, podemos compreender que as facções surgem com uma estratégia da produção capitalista para reduzir custos e aumentar o lucro. Neste sentido, Buonfíglio e Dowling (1999, p. 88) afirmam que por meio da “redução de custos, devido aos níveis salariais mais baixos e ausências de benefícios, ou ainda pelo uso de trabalho ilegal ou ‘informal’ nessas unidades, menos sujeitas a fiscalizações” os lucros conseguem ser maximizados.

Com relação à contribuição de Buonfíglio e Dowling (1999) podemos entender que o trabalho na maioria das facções torna-se bem mais precário que nas confecções, pois o salário é inferior e a relação trabalhista, muitas vezes, informal. Apesar da maioria das facções de costura possuir características precárias, elas ainda se tornam importantes, principalmente nas cidades pequenas, pois acabam se tornando uma das poucas alternativas de renda na escala local. Ademais, é

importante frisar que existem algumas facções mais organizadas e que pagam melhor, porém a informalidade e precarização ainda é uma característica muito forte nesse segmento.

3 METODOLOGIA

O método e a metodologia dizem respeito aos trilhos percorridos e a forma como se organizou as ideias para realização da pesquisa, isto é, a metodologia é o conjunto de procedimentos utilizados para realizar a pesquisa. De acordo com Demo (2000, p. 20) “pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento”. Sendo assim, a partir desta pesquisa foi possível gerar novos conhecimentos acerca da temática investigada.

Para compreender a produção socioespacial no distrito Lagoa do Jucá a partir dos desdobramentos inerentes a atuação das indústrias de confecções, optou-se por uma leitura dialética da realidade, a qual, segundo Lefebvre (1975) possibilita compreender os aspectos concretos do real como uma unidade em movimento que é diferenciada em sua totalidade e especificamente contraditória. Do mesmo modo Suertegaray afirma que:

No método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito, como é numa outra escala a ferramenta para trabalhar uma extensão do seu corpo, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto (SUERTEGARAY, 2002, p. 2).

Para realização da pesquisa, que se pauta em um estudo de natureza exploratória, partiu-se de uma abordagem quali-quantitativa, que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

No que se refere à pesquisa exploratória podemos compreendê-la como uma pesquisa que tem a finalidade de obter mais informações sobre o tema estudado. De acordo com Armando Piovesan e Edméa Rita Temporini (1995, p. 321) “a pesquisa exploratória, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere”. Desta forma, este tipo de pesquisa visa explorar, em todos os sentidos, o tema abordado e conhecê-lo da melhor forma possível.

Para a realização desta pesquisa, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica através da qual buscou-se referenciar o território e a territorialização, e

além disso, referenciar as indústrias de confecções no Brasil para assim contribuir na análise teórica do objeto de estudo. Na pesquisa de campo, etapa seguinte a pesquisa bibliográfica, foram adotados como instrumentos de coleta de dados entrevistas e questionários que tiveram como foco os proprietários das facções, funcionários (costureiros) e empresários de outros segmentos (mercearias, material de construção e outros) buscando compreender a importância desta atividade comercial para a construção socioespacial de Lagoa do Jucá.

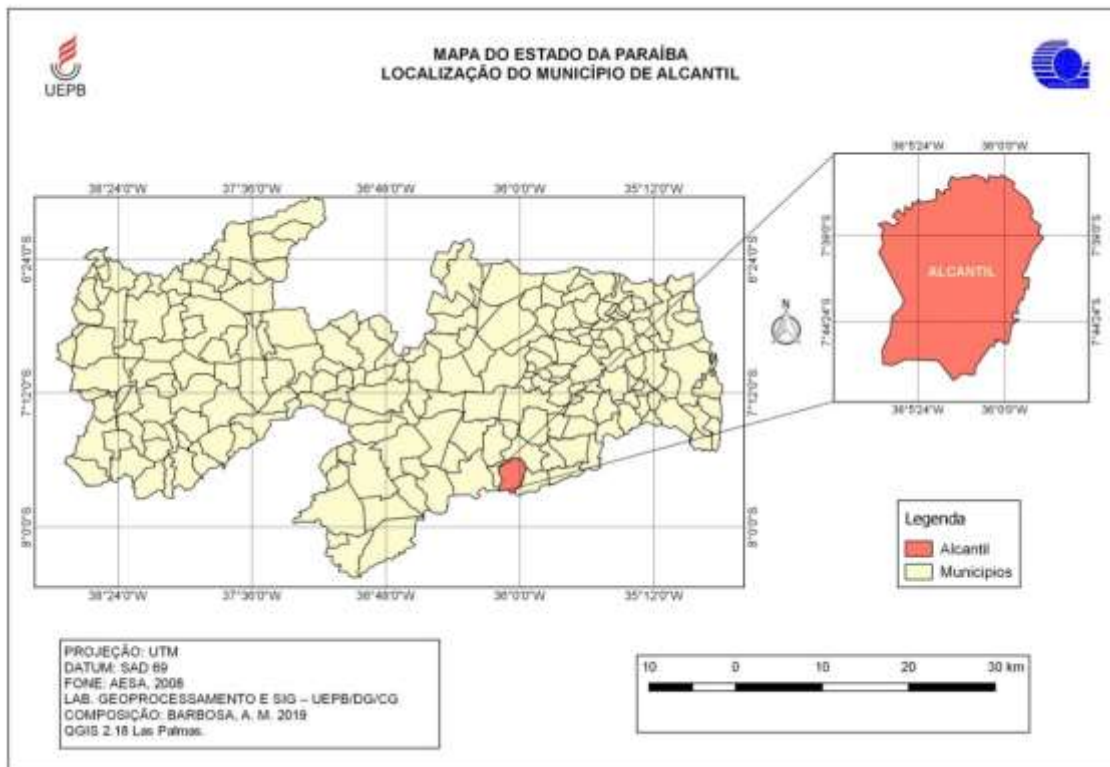
Desta forma, a pesquisa de campo se desenvolveu em duas etapas, sendo elas: a aplicação de questionários com os proprietários de facções e a realização de entrevistas com os funcionários destas facções e os empresários locais. A escolha dos entrevistados se deu a partir de critérios como: residência e atuação na área pesquisada. A pesquisa de campo foi realizada entre os dias 01 e 15 de fevereiro de 2022, com 06 proprietários de facções, 16 funcionários e 03 empresários locais. Ao todo foram 25 entrevistados.

Após a coleta os dados dos questionários foram organizados separadamente diferenciando os dados dos empresários e dos funcionários. Posteriormente, após a apresentação de informações pertinentes a cada grupo de entrevistados, os dados foram analisados juntos para apresentar e justificar a importância das facções para a construção e desenvolvimento socioespacial do lugar e sua contribuição para o comércio local.

3.1 Caracterização do espaço da pesquisa

A área de estudo deste trabalho é o município de Alcantil, no estado da Paraíba, com ênfase para a porção que compreende o distrito de Lagoa do Jucá, localizado na zona rural. Alcantil é um pequeno município do estado da Paraíba, localizado na divisa entre o estado da Paraíba e de Pernambuco, estando distante cerca de 190 km da capital João Pessoa e 80 km de Campina Grande. Situado a 521 metros de altitude, Alcantil tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 7° 44' 5" Sul, Longitude: 36° 4' 33" Oeste.

Figura 4: Mapa de localização do município de Alcantil.



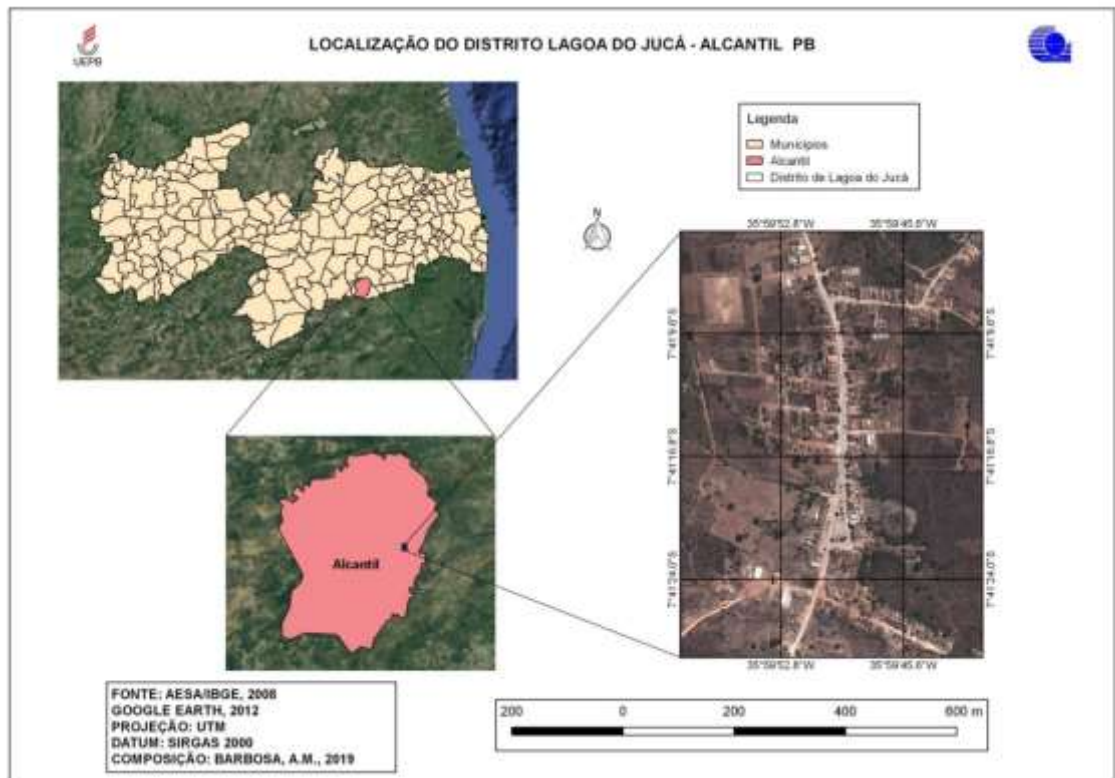
Fonte: AESA (2008), adaptado por BARBOSA, A. M. (2019).

Sua população foi calculada em 5.239 habitantes no último censo (2010). Em 2021, a estimativa populacional do IBGE apontou uma população equivalente a 5.527 pessoas. As atividades econômicas e de geração de renda presentes no município vão desde a prestação de serviços públicos, comércio local, agricultura, pecuária e aposentadoria, até a mais expressiva que é advinda das pequenas facções e confecção de vestuário. No tocante a sua extensão territorial o município se estende por 306,89 km² e a sua densidade demográfica é estimada em 17,07 habitantes por km² (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL, 2013).

Em termos de características físicas o município situa-se na área de abrangência do clima semiárido, caracterizado pelo baixo índice pluviométrico e chuvas irregulares, além da predominância de temperaturas elevadas durante a maior parte do ano.

Após caracterizar o município de maneira geral, torna-se muito importante apresentar as principais características do distrito de Lagoa do Jucá, recorte espacial da pesquisa.

Figura 5: Mapa de localização do distrito de Lagoa do Jucá – Alcantil – PB.



Fonte: AESA/IBGE (2018) adaptado por BARBOSA, A. M. (2019)

O distrito de Lagoa do Jucá situa-se na porção leste do município de Alcantil com Longitude: $35^{\circ} 59'52''W$ e Latitude: $7^{\circ} 41'24''S$, distante cerca de 20 km da sede do município. Sua população é estimada em 900 habitantes (secretária de saúde do município de Alcantil), porém possui uma área próxima composta de vários sítios que dependem dos serviços prestados no núcleo urbanizado de Lagoa do Jucá. É nesta porção do território municipal que se encontra o maior açude de água doce da município, açude esse que está sem água, porém quando cheio abastece todo o município.

Os acessos para a comunidade se dão por meio de estradas vicinais que confluem com a BR 104 e com a PB-150. No seu núcleo urbanizado encontram-se vários tipos comércios e serviços, tais como: mercados, panificadora, lanchonetes, farmácia, depósitos de material de construção, armarinhos, lojas, quitandas, distribuidoras de ração animal, farmácias veterinárias, oficinas, mercearias, entre outros. No tocante a geração de emprego e renda, a principal fonte são as facções de vestuário, sendo Lagoa do Jucá destaque em todo município pela quantidade de postos de trabalho gerados a partir dessas facções e confecções.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A territorialização da indústria pernambucana de Confeções na Paraíba: um olhar para Lagoa do Jucá

A chegada da indústria de confecções de Pernambuco em Lagoa do Jucá ocorre através das facções, que chegaram no distrito por volta do ano 2006. A territorialização de uma das etapas da cadeia produtiva de confecções neste espaço tem promovido desde então dinâmicas socioespaciais locais importantes, pois comparecem como fonte de renda para os trabalhadores locais, que vão se especializando no segmento. Conseqüentemente, a partir da entrada da renda gerada nas facções na economia local, outros segmentos também se beneficiam, a exemplo do comércio que tem seu movimento aumentado pelo fluxo de capitais provenientes da produção industrial local. Na investigação acerca dessa correlação entre a dinâmica econômica das facções (Figura 6), braços das indústrias de confecções de Pernambuco, e a produção socioespacial local chegamos aos resultados que discutiremos a seguir, dando destaque a princípio as informações obtidas junto aos principais sujeitos imersos nas facções, ou seja, os funcionários e os proprietários.

Figura 6- Facções de costura no distrito Lagoa do Jucá



Fonte: BARBOSA, A. M. (2022) dados do trabalho de campo.

Entre os 16 funcionários entrevistados, 13 são do sexo feminino e 03 do sexo masculino. Com relação à faixa etária, temos 02 funcionários com 13 e 14 anos, 07 com idades entre 21 e 30 anos e outros 07 com idades entre 31 e 44 anos. Já no que diz respeito aos proprietários das facções 05 são do sexo feminino e 01 do sexo masculino. No tocante à faixa etária, temos 03 empresários com idades entre 23 e 28 anos e outros 03 com idades entre 30 e 36 anos, o que aponta o perfil jovem destes empreendedores. No quadro 2 apresenta-se informações sobre o nível de escolaridade dos entrevistados.

Figura 7: Quadro com nível de escolaridade dos entrevistados.

Funcionários		Empresários	
Analfabeto	01	Analfabeto	00
Ensino fundamental incompleto ou em curso	02	Ensino fundamental incompleto ou em curso	00
Ensino fundamental completo	02	Ensino fundamental completo	01
Ensino médio incompleto	01	Ensino médio incompleto	00
Ensino médio completo	07	Ensino médio completo	05
Ensino superior incompleto	01	Ensino superior incompleto	00
Ensino superior completo	02	Ensino superior completo	00

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Através do quadro acima é possível identificar que a maioria dos entrevistados, tanto funcionários como proprietários das facções, possui ensino médio completo. Entretanto, nota-se também que entre os funcionários é expressivo o número de trabalhadores com a educação básica incompleta.

Com relação à tipologia dos vínculos estabelecidos, observa-se a predominância das relações informais de emprego. Todos os 16 funcionários entrevistados afirmaram não possuir carteira assinada. Sendo assim, observa-se a falta de relações formais de trabalho, ou seja, com carteira de trabalho assinada e contribuindo com a previdência social, além de outros benefícios do trabalho formal. A tabela 04 apresenta dados relacionados aos trabalhadores informais no Brasil, destacando aqueles que possuem ensino superior e não necessitam de formação acadêmica para exercer aquelas funções.

Tabela 04: Total de trabalhadores informais – Ensino Superior e Total entre 2015 – 2019.

	2015	2019
Trabalhadores com Ensino	2.910.441	4.442.671
Superior informal	(25,1%)	(29,9%)
Total de trabalhadores	37.750.721	41.176.494
informais	(44,9%)	(47,6%)

Fonte: PNAD Contínua – 4º trimestre 2015-2019.

A tabela apresentada é referente a uma pesquisa realizada entre os anos 2015 e 2019, por meio da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É nítido que houve um crescimento considerável no número de trabalhadores informal com ensino superior durante os anos de 2015 e 2019, mostrando assim que muitos graduados trabalham em funções que não necessitam de nível superior e essa realidade também pode ser encontrada nas indústrias de confecções que se territorializam em Lagoa do Jucá, como apresentado anteriormente.

Já com relação às funções dentro do ambiente de trabalho, os funcionários entrevistados responderam que todos exercem a função de costureiro, entretanto, um deles exerce também a função de auxiliar de produção, ou seja, exerce duas funções dentro da facção. Quanto ao rendimento mensal, os mesmos declararam que somente 04 recebem um salário mínimo e os demais recebem um valor inferior. No tocante a contribuição com a previdência, somente 03 pagam o Sindicato Rural do Município de Alcantil e os outros não contribuem de nenhuma forma com a previdência social, gerando assim problemas futuros para conseguir o benefício de prestação continuada (BPC), ou seja, a almejada aposentadoria.

O benefício de prestação continuada (BPC) é muito importante nos dias atuais, pois possibilita aos trabalhadores uma velhice com mais dignidade devido ao benefício no valor de um salário mínimo. Entretanto, para obter essa garantia se faz necessário contribuir durante sua vida jovem/adulta com a previdência, podendo ser através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, MEI, INSS e especialmente trabalhando com carteira assinada. Porém percebe-se que os trabalhadores das facções do distrito Lagoa do Jucá, em sua maioria, não contribuem de nenhuma maneira gerando inúmeros prejuízos futuros e tornando precárias suas relações de

trabalho, pois a contribuição com a previdência é essencial para assegurar os direitos dos trabalhadores.

Já com relação ao tempo de trabalho nas facções, em sua grande maioria, os funcionários trabalham há cerca 10 e 20 anos. Porém 08 já exercem suas funções há mais 30 anos e outros 04 há pouco mais de 06 meses. Além de trabalhar nas confecções e/ou facções a minoria ainda exerce atividades na agricultura.

Já com relação aos proprietários, estes estão no ramo das facções entre 02 e 16 anos, todos possuindo uma idade inferior a 36 anos. É fundamental destacar também que dos 06 empresários entrevistados, somente 01 já administrou empresas de confecções em Santa Cruz do Capibaribe, os demais iniciaram seus empreendimentos em Lagoa do Jucá a partir da parceria com empresários de Pernambuco.

De todos os funcionários entrevistados somente 03 já tiveram uma experiência de trabalho em Santa Cruz do Capibaribe, sendo costureiro (a) de maneira informal. Neste sentido, observa-se que ainda existe uma tendência muito forte da informalidade no mercado de trabalho no setor e isso comparece também na realidade de Lagoa do Jucá. Ferreira e Vasconcelos (2011, p. 3) *apud* Filártiga, 2007) afirma que:

Nessa perspectiva, formal ou informal tornam-se mais qualidades das transações do que dos agentes econômicos. Uma firma pode ser registrada, ser grande ou pequena, comprar insumos nos mercados formal e informal, assinar a carteira de um trabalhador e outro não. Essas escolhas são inerentes às análises de custo-benefício de cada empresa, onde os custos de transação e as instituições são levados em conta. Certamente, a redução nesses custos de transação leva a aumentos nas margens de lucro dos empresários. Afinal, transações realizadas por meio de instituições informais evitam pagamentos de impostos e obrigações trabalhistas; reduzem dos custos das taxas e do tempo dedicado ao cumprimento de procedimentos administrativos para obtenção de autorização, licenças, certidões e registros; evitam os custos do cumprimento de padrões de contabilidade, qualidade, entre outras vantagens competitivas que, em alguma medida, traduzem-se em ganhos de competitividade frente os concorrentes.

Fica claro, portanto, que na maioria dos casos que contratar de maneira informal torna-se mais vantajoso para os empresários, pois reduz-se muitos gastos com impostos e direitos trabalhistas. Essa vantagem pode ser identificada na maioria dos setores e na indústria de confecções não é diferente, principalmente através das facções que permite uma redução de custos ainda maior para o empresário principal da marca. Neste sentido, trabalhar informalmente muitas vezes

trás inúmeras vantagens ao empreendedor, porém gera inúmeras consequências ao trabalhador e ao município e estado que não realiza sua arrecadação da forma como deveria.

No tocante ao exercício de outras atividades por parte dos empresários donos das facções, somente 03 afirmaram possuir outra fonte de renda, sendo um empresário de material de construção, outra doceira e a terceira aluga área de lazer nos finais de semana e feriados, os demais vivem exclusivamente da costura. Em relação ao número de funcionários que trabalham nas empresas entrevistadas pode-se perceber que existe aquelas que empregam desde 05 até 60 funcionários, totalizando 123 funcionários nas 06 facções entrevistadas. No entanto, com relação a quantidade de trabalhadores envolvidos com a costura em Lagoa do Jucá, esse número é bem superior, pois existem muitas pessoas que trabalham em casa, por exemplo, não sendo possível obter dados sobre elas, já que focamos nas facções.

Dos empresários entrevistados somente um trabalha com marca própria e também com outras marcas, os demais trabalham exclusivamente com outras marcas que tem suas matrizes em Santa Cruz do Capibaribe – PE. Neste sentido, de acordo com observações de Cunha (2015, p. 30) realizada através de informações obtidas por meio do SEBRAE (2007):

Dada à abundância de etapas produtivas que compõem o complexo têxtil, o segmento da economia que envolve essa produção é um dos mais pujantes e diversificados que existem, bem como um dos que oferecem maiores oportunidades para a criação de micro e pequenas empresas. Dentre estas, destaca-se a atividade denominada facção, ou seja, aquela fundamentada na prestação de serviços de corte, costura e acabamentos direcionados para as indústrias de confecção.

Por meio do exposto, podemos compreender que existe uma força e diversificação muito grande no tocante a produção de confecções, neste sentido, surge uma oferta de oportunidade de geração de emprego, renda e a criação de micro e pequenas empresas. Sendo assim, as facções têm como finalidade serviços de corte, costura e acabamentos direcionados para as indústrias de confecções.

Ainda com relação à função das facções, Cunha (2015, p. 31) apresenta que:

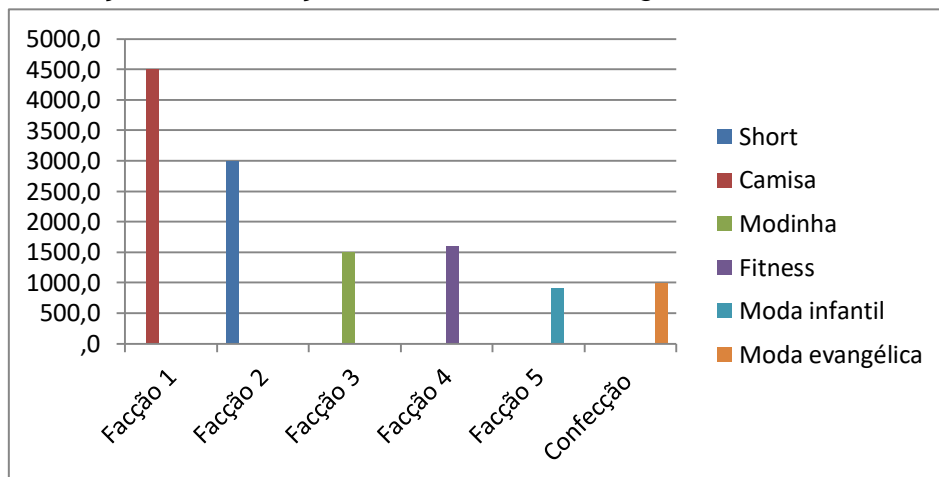
A função das “facções industriais” consiste na sistemática prestação de serviços, ou seja, uma subcontratada para outra indústria confeccionista, recebendo todos os aviamentos e os tecidos cortados na justa medida sendo, portanto responsáveis pela montagem das peças do vestuário.

Podemos compreender que as facções locais são subordinadas as confecções de vestuários de Pernambuco, recebendo todo suporte no tocante aos aviamentos, tecidos e peças de roupas. Matos *et al.* (2013, p. 89) destaca que para realização do processo produtivo que as facções são responsáveis se faz necessário alguns tipos máquinas que associadas ao trabalho humano obtém êxito, sendo assim, ele expõe:

A fase da montagem é a costura propriamente dita, âmago da indústria do vestuário, e abrange costura reta, interlock (fecha a peça), overlock (reforça a costura), máquina de rebater (persponto), máquina mosqueadeira (caseia) e máquina de travetes (reforço em bolso, zíper e final de costura).

As máquinas pertencem aos empresários locais e aos costureiros que preferem realizar seus trabalhos em casa. No caso das facções os custos com energia, impostos (quando existe contribuição) e mão de obra são de total responsabilidade do empreendedor local. Com relação aos tipos e quantidade de peças produzidas, segue abaixo um gráfico especificando os principais tipos de mercadorias produzidos nas facções entrevistadas e a respectiva produção por semana.

Figura 8: Gráfico com tipos de produtos e quantidade produzida por semana nas facções e confecção entrevistadas na Lagoa do Jucá – Alcântil – PB.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Como podemos observar, os principais segmentos produzidos são: short tassel, camisa, modinha, moda fitness, moda infantil e moda evangélica, porém se destaca a produção de camisas da facção 1 com 4.500 peças por semana, seguido

da facção 2 com 3.000 peças de short, as facções 3 e 4 com cerca de 1.500 de artigos de moda fitness e a facção 5 com 900 peças de roupa infantil por semana.

É fundamental também destacar a produção da confecção que trabalha com marca própria e produz 1.000 peças de moda evangélica (saia) por semana. Somando a produção de todas as empresas entrevistadas tem-se o número de 12.400 artigos de vestuários produzidos por semana somente nas 6 empresas entrevistadas, porém é essencial reforçar mais uma vez que esse número é superior, pois não foi possível realizar a entrevista com todas as empresas localizadas no campo de pesquisa.

Ao analisar o número de funcionários, o montante de peças e a diversidade de artigos de vestuário produzidos nas facções e confecções do distrito de Lagoa do Jucá, torna-se nítida a importância dessas empresas para o sustento de muitas famílias e o desenvolvimento local. Sendo assim, questionamos aos funcionários entrevistados por qual motivo aqueles que moravam fora retornaram para sua comunidade de origem. Somente 04 já haviam morado fora e responderam que as novas oportunidades de empregos geradas, não pagar aluguel e estar próximo da família foram os fatores determinantes para seu retorno. Os demais nunca saíram para morar e trabalhar fora, porque novas oportunidades de emprego surgiram permitindo conseguir seu sustento na comunidade de origem.

Quanto a importância das facções para o distrito de Lagoa do Jucá, dos 22 entrevistados somente 1 avaliou com a pontuação 08 na importância desses empreendimentos para a comunidade, os demais avaliaram com pontuação 10 mostrando que as facções são extremamente importantes para o local de estudo. No que se referem às mudanças ocorridas com a chegada das empresas, os entrevistados afirmaram que a comunidade mudou muito. A figura 09 apresenta como Lagoa do Jucá era no ano de 1985, quando ainda não existia as facções.

Figura 09: Fotografia do distrito Lagoa do Jucá, ano de 1985.



Fonte: Acervo do autor.

Ainda de acordo com os entrevistados as principais mudanças ocorridas no espaço que compreende o distrito de Lagoa do Jucá estão relacionadas ao comércio, o poder aquisitivo e a qualidade de vida da população. No tocante ao comércio é importante destacar que há 35 anos, quando ainda não se tinha as facções propriamente ditas, existiam cerca de 8 estabelecimentos comerciais, entre eles, 2 mercearias, 3 bares, 2 lanchonetes e 1 barbearia e nenhum deles gerava emprego aos moradores, porque o fluxo comercial ainda era muito pequeno, visto que, toda economia era basicamente baseada na agricultura e nos poucos serviços que eram prestados a prefeitura municipal de Boqueirão, município ao qual o distrito de Lagoa do Jucá pertencia na época.

Com a chegada das facções e confecções, por volta do ano de 2006, essa realidade começou a se transformar, pois passou a existir uma maior circulação de dinheiro entre moradores da comunidade e dos sítios vizinhos. A partir desse momento, até os dias atuais, o comércio se desenvolveu e muitos outros estabelecimentos surgiram, totalizando 50 empreendimentos distribuídos em farmácias, mercados, mercearias, lanchonetes, depósitos de matérias de construção, armarinhos, oficinas, quitandas, restaurante, armazéns de rações, farmácias veterinárias, academia, lojas de roupas, docerias, barbearias e distribuidora de água mineral.

No tocante ao poder aquisitivo dos moradores de Lagoa do Jucá e as mudanças socioespaciais ocorridas no lugar é nítida a importância das facções,

porque com sua chegada se passou a observar a construção de melhores residências, prédios com empreendimentos comerciais no térreo e reformas de casas e comércios já existentes. Observou-se também a chegada de vários investimentos públicos, tais como, escola, praça, pavimentações de ruas, posto de saúde, campo de futebol, quadra esportiva, telecentro comunitário, centro de convivência e fortalecimento de vínculos e outros investimentos importantes que se tornaram possível graças ao crescimento gerado na comunidade, como apresenta na figura 10 do ano de 2022.

Figura 10: Fotografia do distrito Lagoa do Jucá, ano de 2022.



Fonte: Acervo do autor (2022).

Apesar de ser um trabalho majoritariamente informal e com muitos funcionários recebendo menos de um salário mínimo ele tornou-se essencial, pois possibilitou melhores condições de vida para dezenas de pessoas que não tinha nenhuma fonte de renda. E através da renda obtida nas facções a maioria dos funcionários conseguiu adquirir veículos (moto ou carro) que antes era sinônimo de riqueza, possuem residência própria e vivem da renda advinda do trabalho nas facções, compram no comércio e contribuem com a economia local.

Levando em consideração o conceito de território e refletindo a partir de leituras de Santos (1994), Quaini (1974a e 1974b) e Raffestin (1993) podemos compreender que o conceito de território não está totalmente preso ao poder do

Estado, mas esse território também pode ser constituído através da influência e poder exercido por outros atores sociais (empresas) em determinada fração espacial. Desta forma, analisando as entrevistas com os funcionários e empresários acerca da importância das empresas de confecção e facção para o distrito de Lagoa do Jucá, podemos compreender que existe uma territorialização das indústrias de confecções de Pernambuco no distrito de Lagoa do Jucá – Alcantil – PB através justamente das facções.

Essa territorialização se torna efetiva a partir do momento que as empresas de confecções de Pernambuco exercem influência e poder sobre o espaço que compreende o distrito de Lagoa do Jucá e o seu povo, visto que, existe uma dependência de desenvolvimento e sustento para essa população e são essas empresas que possibilita esse desenvolvimento e sustento, ou seja, exerce o poder sobre esse espaço. Confirmando esse pensamento, Marcelo Lopes de Souza (2000, p. 87), nos faz pensar que os territórios são relações projetadas no espaço e que não precisa de anos ou séculos para se constituir, mas pode se constituir e dissipar-se rapidamente. Neste caso, a territorialização das indústrias de confecções de Pernambuco em Lagoa do Jucá se constituiu ao longo de alguns anos e se faz presente até os dias atuais.

No que concerne às perspectivas futuras da indústria de confecção em Lagoa do Jucá, todos os funcionários e empreendedores esperam que a mesma continue a crescer com mais desenvolvimento, empreendedorismo e que novas parcerias possam surgir. Já com relação às contribuições que o poder público poderia colaborar todos responderam que o principal é a segurança pública, realizar melhorias no acesso a comunidade e oferecer cursos profissionalizantes de corte e costura.

Já no que se refere à relação existente entre as empresas de Pernambuco e os empreendedores de Lagoa do Jucá, todos os entrevistados responderam que existe uma relação direta e constante, pois toda mercadoria pertence aos empresários pernambucanos, já que aqui estão localizadas as facções, e também porque toda produção é comercializada no Moda Center, em Santa Cruz do Capibaribe-PE.

Muito importante também são os fatores que atraem os empresários Pernambucanos para investir em facções de Lagoa do Jucá, neste sentido, questionamos os empresários locais buscando obter quais são esses fatores. De

acordo com os 6 empresários entrevistados um dos principais fatores está relacionado a localização, ou seja, aos fatores geográficos que permitem um maior investimento desse setor no espaço que compreende o campo de estudo deste trabalho. Quando se refere aos fatores locacionais é importante destacar que o distrito de Lagoa do Jucá está situado no município de Alcântil, município esse que faz divisa com o estado de Pernambuco, limitando-se com Taquaritinga do Norte-PE e muito próximo do polo de confecções do agreste de Pernambuco.

Distante 54 km de Santa Cruz do Capibaribe, 56 km de Toritama e 76 km de Caruaru, Lagoa do Jucá possui uma localização estratégica que dá condições aos empresários investirem nas facções locais, pois o custo com a logística se torna mais barato. Além dos fatores geográficos existem alguns fatores locais que também merecem destaque, sendo eles, a não realização de pagamento de tributos, mão de obra abundante e barata capaz de realizar o processo de produção com qualidade.

Quanto à circulação do dinheiro no comércio, perguntamos aos funcionários das facções se o dinheiro é gasto no comércio local e todos responderam que sim. Assim sendo, podemos observar que a indústria de confecção é muito importante para o comércio da comunidade em estudo, pois gera emprego, renda e fluxo de dinheiro para as empresas locais.

Buscando detalhar melhor esse impacto no comércio das facções, analisamos as informações coletadas junto aos comerciantes locais. De acordo com os 3 comerciantes antes da chegada das confecções era tudo mais difícil, pois não havia oportunidades de emprego e muitas pessoas precisavam sair para trabalhar em outras cidades. Desta maneira, não havia tanta circulação de dinheiro no comércio como hoje, pois naquela época só existia a agricultura, pecuária, serviços de diária no campo e trabalhos na prefeitura municipal, sendo assim, as oportunidades eram mínimas e as vendas menores.

Todos responderam que os empreendimentos do setor têxtil na comunidade são muito importantes para o comércio, pois passou a existir a circulação de dinheiro em Lagoa do Jucá e os comerciantes maximizaram suas vendas. Além disso, surgiram vários outros estabelecimentos que permitiram tornar a comunidade um local que polariza os demais sítios pela disponibilidade de serviços básicos e essenciais para vida. Ademais, o empresário do Mercadinho frisou que tudo aquilo que se coloca pra vender dar certo, pois existe a circulação de dinheiro.

Já com relação às perspectivas futuras, todos os entrevistados citaram a dificuldade encontrada devido à inflação e os numerosos aumentos nos preços das mercadorias, além disso, o aumento no custo de manutenção e impostos dificulta, porém todos almejam que o comércio permaneça crescendo com mais segurança e que as pessoas continuem comprando no comércio local. Sendo assim, fica claro que o dinheiro gerado através das facções permite um maior desenvolvimento do comércio local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As facções são empreendimentos do setor de confecções que realizam serviços de montagem, acabamento e embalagem de produtos de vestuário, as quais realizam serviços para outras empresas de maior porte, ou seja, existe uma terceirização dessa parte do processo de produção. Em sua maioria elas não são formalizadas, assim como, possuem pouco ou nenhum funcionário com carteira assinada e não pagam impostos, desta forma, elas se tornam mais vantajosas para o setor produtivo, pois é possível reduzir inúmeros gastos com impostos, direitos trabalhistas, declarações e certidões típicas de uma empresa formalizada.

Neste sentido, a partir da pesquisa realizada com empresários e trabalhadores das facções e comerciantes de outros segmentos que trabalham no distrito de Lagoa do Jucá – Alcantil – PB, constatou-se que essas indústrias são muito importantes para o desenvolvimento socioespacial e do comércio da comunidade. E que apesar de serem empreendimentos informais, algumas pagando menos de um salário mínimo por mês elas são essenciais para que haja geração de emprego e renda aos moradores do distrito acima mencionado.

Através dos dados coletados por meio da pesquisa ficou nítido que Lagoa do Jucá teve um grande impulso no crescimento urbano, comercial e social a partir do momento da chegada das primeiras indústrias de confecções que abriram facções por volta do ano 2006. Além disso, todos os entrevistados informaram que essas empresas são extremamente importantes, pois antes só existiam oportunidades de emprego na agricultura, pecuária e serviços prestados no campo ou na prefeitura, porém com chegada das facções muitas oportunidades de empregos surgiram, houve o crescimento do comércio e um processo de migração de retorno para seu lugar de origem.

Observa-se também que surgiu um processo de territorialização das indústrias Pernambucanas de confecções no distrito de Lagoa do Jucá, pois elas passaram a exercer poder e influência naquele espaço porque os moradores e comerciantes locais dependem quase que exclusivamente da renda gerada através delas. É importante destacar que a partir do momento que as facções começaram a se instalar na comunidade muitos investimentos privados e públicos passaram a existir, melhorando assim a qualidade de vida e dispondo serviços básicos para a população.

Apesar de já existir alguns investimentos públicos na comunidade, ficou claro através dos questionários, que existem alguns problemas graves a serem solucionados pelo poder público. Destacamos a falta de segurança e o precário acesso da comunidade, pois se tratando de um setor produtivo, que emprega dezenas de famílias e produzem milhares de peças de vestuário por semana, o acesso à comunidade continua em estrada vicinal.

Através da análise, sugerimos que o poder público crie políticas públicas de incentivo e apoio ao pequeno empreendedor do setor de confecção, possibilitando que o mesmo se desenvolva com mais dignidade na comunidade. Essas políticas públicas podem estar relacionadas à disponibilização de cursos profissionalizantes de corte e costura, contribuição com energia ou aluguel e incentivos por meio do SEBRAE para a formalização das empresas.

Ademais, esses incentivos também devem ocorrer para com o funcionário, buscando formas para que o mesmo se formalize ou ao menos possa contribuir com a previdência e garantir seu direito de aposentadoria. Não menos importante, se faz necessárias obras no acesso para a comunidade e instalação de câmeras de monitoramento buscando minimizar os roubos. Esses incentivos garantirão que a comunidade continue crescendo com mais desenvolvimento e a população permaneça investindo no comércio local.

REFERÊNCIAS

- ABIT. **Cadeia produtiva têxtil e vestuário**. Programa TexBrasil. Apresentação do coordenador Rossildo Faria. Fortaleza/FIEC, 2005.
- ABIT. **MUITO MAIS FORÇA PARA O SETOR E PARA O BRASIL**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/quemsomos>. Acesso em: 12 set. 2021.
- ABRAVEST. Disponível em: www.abraves.org.br. Acesso em: 10 maio 2020.
- ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação produtiva**. Londrina: Praxis, 2007.
- ANDRADE, B. A. **Distribuição espacial da indústria têxtil e de confecção em Pernambuco: Qual a influência dos fatores locais?.** 2016. 75 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2016.
- APOLINÁRIO, V. **Emprego da indústria Têxtil de Transformação Nordestina nos Anos 90: foco sobre a Indústria Têxtil**. III Encontro Regional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), Recife, 2000.
- ARAÚJO, C. A. C. L. **Análise da cadeia têxtil e de confecções do estado de Pernambuco e os impactos nela decorrentes do fim do acordo sobre têxteis e vestuário – ATV**. 2006, 146 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- ARAÚJO, J. R. J. de. **INFORMALIDADE: quão comprometidos são os produtores do polo de confecções do Agreste de Pernambuco frente à formalização de suas atividades?** 2019. 88 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL. **PERFIL DO MUNICÍPIO DE ALCANTIL**. 2013. Disponível em: http://ideme.pb.gov.br/servicos/perfis-do-idhm/atlasidhm2013_perfil_alcantil_pb.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BANCO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. XIII SIMPEP. 2006, Bauru, **Anais eletrônicos** [...] Bauru, UNESP, 2006. Disponível em: <http://www.simpep.feb.unesp.br/upload/483.pdf>. Acesso em: 08 maio 2007.
- BARBOSA, A. de F.; MENDES, R. C. As relações econômicas entre Brasil e China: uma parceria difícil. **FES Briefing Paper**, jan. 2006.
- BOUNFIGLIO, M. C.; DOWLING, J. A. **Restuturação Produtiva na indústria de transformação do Nordeste**. Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife: Manufatura, v. 1, 1999, 119 p.
- BRASIL. Ministério da Economia. **CONCEITO DE ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL)**. 14 dez. 2017. Disponível em: [https://www.gov.br/produzidade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/competitividade-industrial/arranjos-produtivos-locais-apl#:~:text=Arranjos%20Produtivos%20Locais%20\(APLs\)%20s%C3%A3o,locais%20C%20tais%20como%3A%20governo%2C](https://www.gov.br/produzidade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/competitividade-industrial/arranjos-produtivos-locais-apl#:~:text=Arranjos%20Produtivos%20Locais%20(APLs)%20s%C3%A3o,locais%20C%20tais%20como%3A%20governo%2C). Acesso em: 06 dez. 2021.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais**. 2005.

BURNETT, A. O “ponto de mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco. **História Oral**, v. 17, n. 2, p. 153-171, jul./dez. 2014. Disponível em: [http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path\[\]=408](http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path[]=408). Acesso em: 20 nov. 2021.

CABRAL, R. **Relações possíveis entre empreendedorismo, arranjos organizacionais e institucionais: estudo de casos múltiplos no Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano**. 2007. 313 f. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/pt-br/publicacao/relacoes-possiveis-entre-emprendedorismo-arranjos-organizacionais-institucionais-estudo>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CAVALVANTI FILHO, P. F. M. B.; MOUTINHO, L. M. G. Cooperação institucional como estratégia inovativa: o caso do APL de confeções em Campina Grande (PB). **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, 2007.

CUNHA, F. A. M. da. **Facção de costura no interior do RN: desafios e possibilidades**. 2015. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso. – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/43427/6/Fac%c3%a7%c3%b5es%20de%20costura%20no%20interior%20do%20RN%20desafios%20e%20possibilidades_Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DINIZ, C. C.; BASQUES, M. F. D. **A industrialização nordestina recente e suas perspectivas**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2004.

FERREIRA, M. de O.; VASCONCELOS, K. S. L. de. **Estimativa de demanda pela formalização da economia informal no agreste pernambucano – uma aplicação do método de valoração contingente**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area4/area4-artigo40.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FIEG, Federação das indústrias do estado de Goiás. **Dados econômicos – indústria da moda**. Federação das indústrias do estado de Goiás. [s. d.]. Disponível em: https://fiieg.com.br/repositoriosites/repositorio/portalfiieg/download/Pesquisas/Dados_economicos__Industria_da_Moda.pdf. Acesso em: 01 de set. 2021.

FIEPB- Federação das Indústrias do estado da Paraíba. **NA FIEP ALPARGATAS COMEMORA 25 ANOS EM CAMPINA GRANDE**. 17 jun. 2010. Disponível em: <https://fiepb.com.br/fiep/noticia/na-fiep-alpargatas-comemora-25-anos-em-campina-grande->. Acesso em: 05 dez. 2021.

FREIRE, L. L. R. **Uma análise da indústria nordestina sob a ótica da competitividade empresarial**. 2000. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

FUJITA, R. M. L.; JORENTE, J. M. **A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural**. Moda Palavra e-periódico, Florianópolis, v. 8, 2015.

FUSCO, W. *et al.* Migração e mobilidade pendular em municípios do aglomerado de confecções das mesorregiões Agreste de Pernambuco e Borborema da Paraíba. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 38, 2021.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conceito das variáveis selecionadas da atividade industrial**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/atividades/conceitos.shtm>. Acesso em: 21 nov. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população Brasileira**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.

IEMI- Inteligência de Mercado. **Estudo da cadeia produtiva têxtil do estado do Ceará**. Fortaleza: Sinditêxtil, 2003. Relatório setorial da cadeia têxtil brasileira. São Paulo: IEMI, 2003b.

INDÚSTRIA TÊXTIL E DO VESTUÁRIO MOVIMENTAM ECONOMIA NA PARAÍBA. **Federação das Indústrias do estado da Paraíba**. 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www.fiepb.com.br/fiep/noticia/industria-textil-e-do-vestuario-movimentam-economia-na-paraiba>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MATOS, F. R. N. *et al.* O ressurgimento e fortalecimento da tradição artesanal através da especialização produtiva flexível em um arranjo produtivo local. **Uniabeau**. v. 7, n. 16, 2013. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/1408/pdf_109. Acesso em: 25 fev. 2022.

MATOS, J. O.; **Os sentidos do trabalho: a experiência de trabalhadores de Facções de costura na indústria de confecção do Ceará**. 2008, 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MOURA, S. M. A.; ARRUDA, B. R.L.; MARTINS, A. L. M.; **Tramas da Precarização das Condições de Produção e Trabalho no Agreste de Pernambuco: o Município de Toritama entre 2002 e 2017**. **Boletim, Observatório Econômico**. Recife, 2 ed. mar. 2020.

NUNES, F. R. de M. *et al.* A gestão da cadeia de suprimento têxtil no Brasil analisada a partir das indústrias de confecções do estado do Ceará. *In: Congresso Internacional de Pesquisa em Logística*, 5, 2004. Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza: Noix Computer Software for Web, 2004. 1 (CD-ROM).

NUNES, F. R. M. **A influência dos fluxos logísticos sobre o tamanho e a idade das empresas fabricantes de jeans femininos para adolescentes e jovens.** 2001. 353 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

NUNES, F. R. M *et. al.* A gestão da cadeia de suprimento têxtil no Brasil analisada a partir das indústrias de confecções do estado do Ceará. *In: NUNES, F. R. M.; ARRUDA, J. B. F. (org.). A logística a serviço da empresa e do desenvolvimento: a contribuição da pesquisa: melhores trabalhos do RIRL 2004.* Fortaleza: Nutec, 2006.

PIOVESAN, A; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-25, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALCANTIL. **História e geografia do município**, 2021. Disponível em: <https://alcantil.pb.gov.br/historia/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Ed. 2. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUAINI, M. **Marxismo e geografia.** Firenze: La Nuova Italia, 1974a.

RAFFESTIN, C. Immagini e identità territoriali. *In: DEMATTEIS, G.; FERLAINO, F. Il mondo e i luoghi: geografie delle identità e del cambiamento.* Torino: IRES, 2003. p. 3-11.

RAFFESTIN, C. **Les construits en géographie humaine: notions et concepts,** *Geopoint*, Avignon, Groupe Dupont, 1978. p. 55-73.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, C. **Problématique et explication en géographie humaine,** *Geopoint, Universités de Genève et Lausanne*, Avignon, Groupe Dupont, p. 81-96. 1976.

RAPOSO, M. C.; GOMES, G. M. **Estudo de caracterização do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano,** Recife, 2003.

ROCHA, R. E. V.; NUNES, F. R. M. A capacitação como instrumento de redução de risco de crédito para a indústria de confecções do Estado do Ceará. O caso de um Banco de Desenvolvimento Regional. *In: XIII SIMPEP.* Bauru. **Anais [...]**, 6 a 8 nov. 2006.

SANTOS, E. O. **Caracterização, biodegradabilidade e tratabilidade do efluente de uma lavanderia industrial**. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/5482>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAQUET, M. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, p. 73-94, 2009.

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Diagnóstico Empresarial – Consolidado – Projeto Setorial Integrado de Produção das Exportações de Confeções do Piauí**. Sebrae: Teresina, 2003.

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Estudo Econômico do Arranjo Produtivo Local do Agreste de Pernambuco**, 2012. Relatório final, Recife, maio 2013.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: Castro, I. E. de *et al.* (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, M. L. de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, p. 57-72, 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Pesquisa de campo em Geografia**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

TEREZA, A. **Crescimento da informalidade é maior dentre os trabalhadores com ensino superior**. Idados, Rio de Janeiro, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://blog.idados.id/crescimento-da-informalidade-e-maior-dentre-os-trabalhadores-com-ensino-superior/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

VIANA, F. L. E. **A indústria têxtil e de confeções no Nordeste: características, desafios e oportunidades**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, n. 6, 2005.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EMPRESÁRIOS DAS
CONFECÇÕES E FACÇÕES DO DISTRITO LAGOA DO JUCÁ**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Questionário aplicável aos empresários das confecções e facções que se localizam no Distrito Lagoa do Jucá – Alcantil – PB, com a finalidade apenas acadêmica de obter dados para elaboração de uma pesquisa a ser apresentada, como trabalho de conclusão de curso, do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB.

1. Informações pessoais.
 - a) Nome (opcional)
 - b) Sexo
 - c) Idade
 - d) Escolaridade
 - e) Onde reside
2. Há quantos anos você trabalha com confecção e/ou facção?

3. Você já trabalhou ou gerenciou alguma confecção e/ou facção em outro município ou estado?

4. Você desenvolve algum outro trabalho, além do trabalho na indústria têxtil de confecções? _____
5. Quantos funcionários trabalham em sua empresa? _____
6. Você trabalha com marca própria ou com outras marcas? _____
7. Qual tipo de mercadoria sua empresa produz? _____
8. Quantas peças sua empresa produz por semana?

9. Numa escala de 0 a 10 qual importância das confecções para o desenvolvimento social e econômico do Distrito Lagoa do Jucá – Alcantil – PB? _____

10. O que mudou em Lagoa do Jucá após a chegada das confecções e/ou facções? _____

11. Quais suas perspectivas futuras para a indústria de confecção em Lagoa do Jucá? _____

12. Em sua opinião o que poderia melhorar nas indústrias de confecções de Lagoa do Jucá – Alcantil – PB e como o poder público municipal e/ou estadual poderia contribuir? _____

13. Que tipo de relação mantém com as indústrias pernambucanas de confecções? _____

14. O que torna a produção de confecção em Lagoa do Jucá favorável? _____

**APÊNDICE B –ENTREVISTA REALIZADA COM OS FUNCIONÁRIOS DAS
CONFECÇÕES E FACÇÕES DO DISTRITO LAGOA DO JUCÁ**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Questionário aplicável aos funcionários das confecções e facções que se localizam no Distrito Lagoa do Jucá – Alcantil – PB, com a finalidade apenas acadêmica de obter dados para a elaboração de uma pesquisa a ser apresentada, como trabalho de conclusão de curso, do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB

1. Informações pessoais.
 - a) Nome (opcional)
 - b) Sexo
 - c) Idade
 - d) Escolaridade
 - e) Reside em Lagoa do Jucá ()sim ()não
2. Qual sua função dentro da confecção e/ou facção que você trabalha?
3. Qual o rendimento mensal?
 - a) Menos de um salário mínimo.
 - b) Um salário mínimo.
 - c) Dois salários mínimos.
 - d) Mais de três salários mínimos.
4. Há quantos anos você trabalha no segmento têxtil de confecções? _____

5. Você possui carteira assinada e/ou contribui com o INSS, MEI ou Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alcantil-PB? _____

6. Você já trabalhou em outra cidade ou estado em fabricas de confecções? Se sim, lá você trabalhava formal ou informal? _____

7. Você desenvolve algum outro trabalho, além do trabalho na indústria têxtil de confecções? _____

8. Qual razão te fez voltar a sua terra natal e trabalhar nas confecções que abriram em Lagoa do Jucá – Alcantil – PB? Por qual motivo decidiu residir em Lagoa do Jucá? _____

9. Numa escala de 0 a 10 qual importância das confecções para o desenvolvimento social e econômico do Distrito Lagoa do Jucá – Alcantil – PB? _____

10. O que mudou em Lagoa do Jucá após a chegada das confecções e/ou facções assinale a alternativa mais próxima da sua opinião: _____

11. Quais são suas perspectivas futuras caso a indústria têxtil de confecções continue crescendo em Lagoa do Jucá – Alcantil – PB? _____

12. Em sua opinião o que poderia melhorar nas indústrias de confecções de Lagoa do Jucá – Alcantil – PB e como o poder público municipal e/ou estadual poderia contribuir? _____

13. A renda obtida nas facções/confecções circula no comércio local? _____

**APÊNDICE C – ENTREVISTA APLICADA COM OS EMPRESÁRIOS DE
COMÉRCIOS DE OUTROS SEGMENTOS DO DISTRITO LAGOA DO JUCÁ**



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Entrevista aplicável aos empresários que possuem estabelecimentos comerciais no Distrito Lagoa do Jucá – Alcantil – PB, com a finalidade apenas acadêmica de obter dados para elaboração de uma pesquisa a ser apresentada, como trabalho de conclusão de curso, do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB.

1. Informações pessoais.
 - a) Nome (opcional)
 - b) Sexo
 - c) Idade
 - d) Escolaridade
 - e) Onde reside
2. Como era o comércio de Lagoa do Jucá antes da chegada das facções e confecções?
3. Qual segmento comercial você trabalha? _____

4. Qual importância das facções e confecções para o comércio local? _____

5. Quais perspectivas futuras para o comércio de Lagoa do Jucá? _____
